

OS PRECONCEITOS

DRAMA

14. 2. 56

em um prologo e quatro actos

DE

João Zeferino Mangel de S. Paio.

PRECEDIDO DE UM JUIZO CRITICO DO

Dr. José Corrêa de Jesus.



VICTORIA.

Typographia Liberal do—Jornal da Victoria;—
Rua da Assembléa n. 3.

1869.

Se pois o mundo nos desvenda o vicio a todo e momento, porque razão o theatro, que é uma escola, não o arrastaria sobre a scena cobrindo-o com o ridiculo, esmagando-o com o desprezo, para corrigil-o, e mostrar no meio do tripudio o tanjo da virtude sempre bello, sempre nobre, ainda mesmo no arrependimento ?

CONSELHEIRO J. DE ALENCAR.



1547.1784
200512.17

A' Bibliotheca Publica
da Capital do Imperio
affice o

Autor.

Na alguns annos tendo-se creado a Opera Nacional em minha terra natal, seguindo o exemplo do autor da Noite de S. João, compuz uma opera, a que dei o titulo pouco euphónico de *Triumpho do Talento* a qual, sendo levada ao Conservatorio Dramatico, foi approvada.

A Opera Nacional morreu como muita coisa boa neste paiz; minha primeira composição, si ainda existe, está abandonada entre os velhos papeis do Sr. D. José Amat, sem duvida em ser, apesar das phrases benevolentes que me dirigio; mas minha iniciação nos mysterios de Thespis e Aristophanes estava realisada.

Desde então nas minhas horas de devanillo e castellos, eu não sónhava somente com os louros de Callinus, Anacreonte ou Alceo, tambem cubitava nas casarís de Menandro e de Euripides.

E nesse tempo em que o homem ainda pôde soar, abandonando por momentos o prosaismo da existencia, nesse tempo em que o mais mediocre crê na

possibilidade de alcançar a gloria eu trabalhei muito para o theatro, cheguei a escrever grande parte de uma tragedia !...

Mais tarde, hoje, que as azas cahiram, hoje que comprehendo a realidade nua e descarnada de minha situação, convencendo-me, com o autor dos Miseraveis, que o drama, sem sahir dos limites da arte, tem uma missão nacional, uma missão social, uma missão humana e que o theatro ensina e civilisa, sendo hoje para as multidoes o que era a igreja na idade media — "le lieu attrayant et central" — pensei em ser util á sociedade escrevendo para o theatro, apeser de Hugo dizer que — a funcção do poeta dramatico é mais do que uma magistratura — "Il pourra faillir comme homme : comme poète il devra être pur, digne et serieux!

E lancei um rapido volver de olhos em nossa sociedade, e tentei apontar algumas chugas que ha muito precisão de cauterio, e escrevi os Preconceitos.

Um amigo prometteu-me duas palavras, a respeito, aceitei-o porque será uma violeta de Parma para adornar meu ramalhete de flores descoradas e sem choiro; é debaixo desse ponto de vista que as publico — ainda que me tenha promettido rigorosa analyse, supponho que a amizade hade cegal-o.

Si conhiasse que esse drama, como o incenso, poderia expurgar perfumes — offercel-o-ia ao Pedro Eremita das santas cruzadas do seculo XIX; ao inimigo de todos os afflictos, quer se chamem Polonia — Maximiliano d'Anstria — ou John Brown; ao perfeito cumpridor das doutrinas do Christo; finalmente aquello, que, apeser dos apodos dos Miracourts, hade merecor da posteridade a antonomasia de — Victor Hugo, o Philo-humanitas.

Não o faço — tomo que em vez do incenso meu trabalho só possa derramar o odor do anthracito — não por Elle — é grande, aceitaría boudoso minha pequena offerenda, mas pelos que não podem comprehender a palavra — veneração.

Basta o intento.

Eis os *Preconceitos*.

Si os grandes corações, desculpando o acanhado da "fôrma," julgarem menos máo o "fundo" deste escripto não se me dará que os outros me arrojem lia é o que mais quizerem — já de ante-mão espero; pois sei que não é preciso ter-se o talento de Molière para incorrer-se nas iras das "preciosas" e dos "tartufos" de todos os tempos.

Victoria, 29 de Janeiro de 1869.

J. Z. RANGEL DE S. PAIO.



Meu amigo.

Mantes de fallar no teu livro, uma palavra.

I.

Houve uma época na minha vida em que contemplando as estrellas do nosso céo americano, via em cada uma um poema, que valia a Messiada do poeta allemão; em que a lua erguendo-se no horizonte, esplendida e bella como a sultana reclinada no seu cochin, revelava-me os augustos mysterios desse Deus, que ensinaria-me a adorar ao bater das Ave-Marias; as montanhas rompendo os ceos para surprehenderem os seus segredos, as campinas matisadas de flores, essas selvas sombrias e seculares, finalmente, esta ultima pagina da epopéa da criação, fazião-me orgulhoso de haver aberto os olhos no Brasil—a mais fina perola do cocar d'America.

Nesse tempo era feliz; vivia com essa mocidade, que, na frase de Metastasio, era a mais bella primavera do anno, e a esperanza do futuro—ali havia a santa expansão da alma— os braços erão mariados—o rico e o pobre erão medidos na mesma bítola—só havia um rei, que recebia o nosso culto—o genio—tendo por cortesãos os operarios da intelligencia.

Escoavão-se os nossos dias na ampulheta da vida, procurando descortinar o futuro da humanidade—os grandes acontecimentos, que havião desmornado os velhos edificios sociaes, erão outros tantos pharões para nos conduzir a terra de Chanaan—os homens, que havião arcado como Atlas com o mundo as costas e derramarão o seu sangue no altar da idéa, assemelhavão-se á outros tantos prophetas, que levantavão-se dos seus tumulos envolvidos em os seus sudarios para animar-nos na gloriosa jornada por nós emprehendida.

As armas de que dispunhamos não erão esses instrumentos que nas pugnas deixão o campo coberto de cadaveres; a noiva não trocava a sua capella de flores de laranjas pela de roxas saudades, a esposa não corria desvairada para estancar o sangue de seu bem-amado e pensar nas suas feridas afim de que o veu da viuvez não viesse cobrir as suas faces pallidas e emagrecidas pela dôr—nem o filho, ao erguer-se do leito, abraçava a sombra do seu paé que lhe parecera uma realidade na sua dolorosa imaginação.—

Oh! não, meu amigo, com o abbade Saint-Pierre, e o grande philosopho Kant amaldiçoavamos a guerra, e pregavamos a paz universal—santo desideratum, o qual só terá realidade, quando a democracia fór uma verdade, e a humanidade composta de irmãos; as nossas armas erão—a imprensa e a tribuna.

Lembra-me ainda com saudade desses bellos tempos; era a epoca da fraternidade, a unica em que o homem póde dizer com orgulho—vivi!

Viamos passar nas nossas reuniões, esses homens

que com o ariete das suas crenças haviam feito esboroar o mundo antigo.

Pelletan, Lamartine, Quinet, Michelet, e tu, velho Prometheo da liberdade moderna, atado ao teu rochedo de Gersey, quantas vezes não viestes perturbar o nosso espirito, e obrigar-nos a soltar um grito de enthusiasmo! quantas vezes, prestes á cair de cansaço na estrada, ao ler as vossas paginas de fogo, e as dos vossos companheiros, não soltávamos o grito do cantor da Parisina—Away!

Hum dia a voz de um velho—nosso mestre—disse-nos:

Mocidade! em nome da lei vos revestimos com a toga viril de cidadãos; ide' pregar a vossa palavra com fé e enthusiasmo; levae o fructo das vossas lucubrações á sociedade, que ansiosa vos espera; parti para essa dolorosa romagem; está terminada a vida descuidosa de mancebos, agora principia a vossa missão de espinhos.

Abracamo-nos e cada um partio para erguer a sua tenda de combatente no lugar que lhe aprazia!...

Onde estão essas phalanges cheias de crenças?

Perguntae a sociedade que nos recebeu arrancando-nos o véo das nossas illusões, respondendo ás nossas predicas com o estúpido sorriso de Falstaff, o devasso.

* A imprensa não era a que idealisavamos—á depositaria dos pensamentos de cada levita; corrompida como a Messalina da antiga Roma era o pelourinho, onde qualquer miseravel, que queria fazer carreira lançava a mão da difamação na certeza de que havia de receber o premio, que só deveria ser concedido ao apostolo de uma idéa; a tribuna não era essa tuba santa, que devia chamar os fiéis ao templo, ao contrario, era o degráo por onde a mediocridade feliz alcançava as altas posições sociais; o poder publico, trucidando aquelles que não querião atrollar-se ao carro dos seus torpes triumpho; a liberdade, foragida, e os direitos dos cidadãos esmagados sob as patas do despotismo; emfim, a corrupção e as infamias do Imperio Romano ar-

voradas em programma, que deve conduzir os povos ao seu destino: eis o que encontramos festejado pela sociedade.

Os meus companheiros, uns convencerão-se que deverão renegar os seus principios, e procurarão com ardor um lugar de cortesãos da infamia; outros, descrentes, fecharão o evangelho das suas crenças, retirarão-se ao lar domestico e tratarão de viver na companhia dos velhos praxistas; e entregarão-se ao sacerdocio obscuro, porem glorioso, da advocacia.

Neste numero estou eu. Expulsei da minha estante os monumentos desses prophetas da humanidade, e orgulhosos vierão occupar o seu lugar os Heinecius, os Almeida e Souza, as Ordenações o Corpus Juris, Moraes de executionibus, e outros indigestos autores da arida jurisprudencia civil.

Acho-me com a alma vasia, a imaginação estoril, completamente estranho ás lides litterarias: e é nesta occasião que queres um juizo critico sobre o teu excellente drama—os Preconceitos?!

Emfim, cumprão-se os teus desejos, e se ao leres estas paginas, ellas té causarem tedio, rasga-as, atira com ellas para um canto do teu gabinete e deixa que o teu impassivel creado varra como uma coisa inutil, mas não manches as paginas do teu livro com a sua publicação. Se tal não fizeres, aconselha aos teus leitores que as não leiam, porque realmente ellas não merecem estas considerações.

II.

Grandiosa é a missão do poeta dramatico!
Não é o homem encarregado de arrancar as lagrimas do povo, ou fazer com que o sorriso paire em seus labios.

Missionario sublime de uma idéa, elle tem a obrigação de desenvolvê-la e dar-lhe a vida necessaria para fazel-a calar no espirito publico.

E' preciso que a sociedade veja-se daguerreotyp-

pada para correr pressurosa, á abraçar esse novo principio que o poeta socialista procura desenvolver em sua predica.

Os seculos decimo sétimo e decimo oitavo são o exemplo da verdade que enuncio.

Bossuet arremessando os raios da sua eloquencia olympica do pulpito de Notre-Dame; Flechier deixando cair ardentes lagrimas sobre o cadaver de Turenne; Bourdaloue, com os olhos voltados para o ceo, desvendando o mysterio da religião e trazendo o auditorio pendente dos seus labios; Massillon enlouquecendo a multidão no seu sermão sobre o pequeno numero dos escolhidos; caminhavão no mesmo trilho de Corneille escrevendo o seu Polyctete, Molière representando o seu Tartufo e as suas Preciosas Ridiculás, e Racine concebendo e executando a sua sublime—Esther.

Erão levitas ungidos com a mesma idéa, pregando-a com enthusiasmo igual, e promptos, caso fosse necessario, a por ella cingirem a corda de martyrio.

Dizem que o pensamento titanico da Revolução Franceza foi concebido pela cabeça universal de Voltaire, quando realisara—a encyclopedia—ao contrario, apartado-me desta opinião, é no seu theatro que vejo a sua idéa revolucionaria apparecer radiante.

Lê— a Merope—vê essa mãe lutando contra o subdito rebelde, porém coberto de cicatrizes, quando salvara o reino, medita nesta scena, onde ella falla no direito divino dos reis; rogam-lhe que não a arrastasse ao altar, afim de occupar o throno d'a quelles aquam deveria obdecer e defender; e pensa na frase fria e incisiva de Polyphonte combatendo a acção divina dos reis, exclamando—

O primeiro rei, Senhorn, foi um soldado feliz! Esta scena foi a mais applaudida, diz um historiadôr contemporaneo, porque ali Voltaire não recuou desvendar aos olhos do povo a doutrina moderna da delegação da nação; e atacar de frente aquelles que governavão os povos pela graça de Deus; observava ainda — meu amigo — que foi por occasião de

representar-se esta tragedia que Voltaire foi corôndo, e, n'essa festa da intelligencia, não deixavão de ver, aquelles que olhão com interesse para a marcha progressiva da humanidade—o arrebol do triumpho da idéa democratica—proclamada mais tarde sobre as ruinas fumegantes da Bastilha.

Roube-se do theatro esse elemento, colloque-se nelle a mão do poder, representado pela censura, procurando embargar os passos da idéa regeneradora, a que fica reduzido o palco?

A' uma dusia de taboas, na frase de Antonio Serpa, onde achão-se individuos pintados de gesso, ou então aos innocentes entretenimentos do nosso Telles com as suas representações sobre a criação do mundo.

Não quero desvendar o passado, nem desenvolver o melhor meio do poeta realisar o seu pensamento; porque, não só não tenho habilitações para espriar-me sobre este assumpto, como ainda q' quisesse, não podia fazel-o nos estreitos limites de uma carta.

Demais, com razão deves perguntar: quar lo' queres entrar na analyse do meu drama?

Tranquilisa-to, o tempo urge, e desde já apresso-me á dizer algumas palavras sobre teu trabalho dramatico—os Preconceitos.

III.

Entro na analyse do teu drama.

Fernando é moço e artista; no seu craneo arde um vulcão—o genio—com a sua palheta é um poeta inspirado realisando na tella esses pensamentos epopaicos que na capella Sixtina gravara o grande Raphael.

Não é o artista insociavel como Benevenuto Cellini, o qual percorria o mundo com o orgulho de um rei absoluto, trazendo em uma das mãos o seu immortal buril e na outra o arcabuz; espantando o mundo em vel-o com o mesmo sorriso erguer, aqui

um monumento de genio, e acolá contemplar o cadaver do seu semelhante abatido pela bala do seu arcabuz.

Não ! Fernando é o artista do seculo civilizado, educado na Europa, onde o seu genio abre-lhe as portas de todos os palacios, volta para o seu paiz orgulhoso da gloria, que já o circumda, deposita a sua alma aos pés de uma dama, e esta accetando a offerta, jura ao poeta-artista tornal-a uma realidade aos pés do altar, quando os laços daquelle amor louco e ardente fôrem abençoados por um virtuoso sacerdote.

Isbella é um destes entes angelicos que, com os pés sobre a terra e os olhos voltados para o céu, espalhão esse perfume arrebatador da virtude, o qual vem dar força aos mortaes para caminharem n'um mundo cheio de torpezas, como esto a que fomos condemnados a viver, para purgar os peccados dos nossos primeiros paes; foi educada com o esmero q' deve tor a mulher catholica, cuja posição na sociedade, na frase do eloquente Padre Ventura, não é a de creada grave do seu marido, mas sim a de rainha collocada em um throno, onde as homenagens da humanidade vem ser tributadas, como a mais sublime oração ao Supremo Architecto do Universo.

Leopoldo é um escravo submisso de sua mulher, é d'aquelles que entendem que o ser bom esposo, é obedecer cegamente ao menor capricho de sua esposa, correr diante de qualquer das suas phantasias para ver sempre pendente dos seus labios o sorriso da felicidade; elle não vê, ou finge não ver, o abismo á que é arrastado, e deixa-se ahí precipitar de olhos vendados, com a condição de sel-o por aquella cuja sorte jurou partilhar.

Dorothéa é o vicio trajando a crinoline; é a corrupção de luras de pelica, é, finalmente, o cynismo coberto do seda. E' a mãe que não vacilla em esmagar o coração da sua filha, vendendo-a ao commendador Motta; é a mulher hypocrita, que em um salão sabe arrastar a admiração das mulheres honestas, e, depois de representar esta scena, vae de masc-

ra levantada rebaixar-se a um papel tão miseravel, que as perdidas fogem da sua companhia por não julgal-a digna de empunhar a taça da orgia, e, no meio do fumo da embriaguez e do estalar do champagne, entoar a canção bachica—Mimi-Pinson,—filha do genio desvairado de Alfredo de Musset.

Ah! quantas vezes não temos encontrado na nossa sociedade essas mulheres de rosto tinto de carmin para fingir o pudor, beijando candidas donzellas de almas tão puras como as das virgens de Sion! abraçando jovens e ternas mães junto do berço dos seus filhos, diante dos quaes ellas só tem o pensamento da Virgem contemplando o seu Unigenito!

O Commendador Motta é a estupidez ataviada de ouro; vaidoso e debochado é um desses typos que encontramos na sociedade rodeado de uma côrte ou de velhacos, ou de ignorantes.—Entes ridiculos, excitação de uns a compaixão, de outros a gargalhada; e no entanto as portas de todos os salões se lhes abrem, os paes de familia não recceião confiar-lhes as filhas, os maridos, as mulheres; porque olles tem um titulo que garante a sua virtude e honestidade—o dinheiro!

Dinheiro! eu te saúdo, rei absoluto do universo! tu és a varinha magica com que os modernos Moysés tirão a agonia dos rochedos; diante do teu brilho, o genio, a intelligencia, a honra, finalmente, todas as virtudes, que formão o esmalte da realza da humanidade offuscão-se e abatem-se confessando a tua immensa magestade!

Salve! pois, sublime auxiliar de Satan, alavanca poderosa do inferno, para contrariar as vistas do Creador!

Desculpa-me a digressão, eu não podia deixar de render a homenagem e confundir-me na turba dos cortesãos, que admirão mais os trabalhos das machinas da casa da moeda, do que um quadro de Corregio, ou uma estatua de Puget na Academia das Bellas Artes.

Homem da tempera antiga, vasado nos moldes de uma epoca que já se foi, coração sincero, capaz

de sacrificar a vida para salvar uma outra, alma crente, sempre sonhando com um futuro cheio de grandeza para a humanidade; o mais devotado sacerdote da sciencia; tal é o typo do medico D. Juan, que concebeste para dar a luz ao teu quadro dramatico.

Eis as personagens em torno das quaes desenvolve-se a acção do teu drama.

Simplez é ella, e bem concebida foi por ti, salvo alguns reparos que a critica ha de encontrar, porém que desculpar-t'os-ha, porque, apczar de bem desenvolvido e executado por ti o pensamento, não tens a pretensão de seres um veterano encanecido nas lides da litteratura dramatica.

IV.

Fernando, voltando da Europa, coberto de gloria, faz a sua estréa na sociedade tendo como titulo as cordas depositadas na sua fronte pelos homens—genios do—velho mundo; relaciona-se com a familia de Leopoldo e encontra Isbella.—Almas ardentes amão-se, uma com a intensidade do primeiro amor de virgem, o outro com o ardor do genio.

Quando equilibradas nas azas da phantasia, essas almas constroem um mundo para viverem, apresenta-se Motta requestando Isbella, e mostrando, como titulo legitimo de sua pretensão, a sua carteira cheia de notas do banco. Dorothea—mãe de Isbella—vio em Motta o genro, que podia satisfazer todos os seus desejos, e arranca-a da posição modesta em que vivia para hobrear com as aristocratas do ouro.

E' quanto basta para ser preferido.

Impondo a sua energica vontade, esmaga o amor da filha, e, á força, arranca uma por uma as illuções de Fernando.

Negar a superioridade de Fernando é impossivel; porém elle tem um defeito—é um homem de cor, diz a sociedade, quando quer ser benevolente; é um

mulato! exclama com desprezo para aquelles que tem o corpo coberto com apelle bronzeada.

Não era sufficiente que a victima fosse immolada no altar do egoismo de Dorothea, não era bastante que a alma do poeta fosse esmagada pela vaidade d'aquella mulher douda por encontrar um genro-potossi para satisfazer-lhe todos os caprichos; era preciso que Fernando fosse grosseiramente insultado, para que esplendido ficasse o triumpho do rei—dinheiro, sobre essas filagranas-poéticas, que se chamão virtude, honra e honestidade.

E' uma scena feliz essa do teu drama.

Dorothea convida Fernando para que appareça na sua casa, elle sonhando com a ventura, e suppondo que a mulher-mãe houvesse intorcedido por elle junto ao coração da sua filha, caminha radiante de felicidade; mas qual não é o seu desengano, quando nos labios, onde elle esperava o annuncio da sua ventura, encontra o insulto o mais grosseiro e injusto!... Como todos os amantes, lança a responsabilidade sobre a innocente cabeça de Isbella.

Avalia quanto deveria soffrer aquelle anjo quando vio o seu bem-amado proferir esses bellos versos do poeta portuguez:

Não creias, a virgindade
Em coração do mulher,
Não chega nunca a nascer,
Nasce o morre em embryão.

Era demais—a corda não podia deixar de estalar, e, no entanto, nem uma palavra! succumbe debaixo da maldição do amante sem arrancar a nuvem que velava os seus olhos.

E' conduzida moribunda para o seu leito, o Fernando quasi louco para a sua casa.

São passados tres annos.

Que differença! Fernando—o genio, o mancebo cheio de esperanças, e o poeta-artista em cuja cabeceira vinhão todas as noites voltejar as sombras venerandas e augustas do Ticiano, Raphael, Apelles

e outros muitos que burilam os seus nomes n'esse deposito da gloria da humanidade—a historia,— jaz cahido por terra, o seu anjo da guarda batendo a linda plumagem o abandonou.

Agora Fernando ebrio, prostituido, com os labios transudando bebidas alcoholicas, é um inimigo da sociedade que foz causa commum com a deusa Dorothea. A propria religião para elle não passa de uma mentira, ella tambem o repellio, por causa de sua pelle, os claustros—as casas da oração—não quizerão recebel-o, e desde que a igreja e a sociedade o enchiatarão, uma dos pés do Crucificado e outra de seu seio; atirou-se nos braços da orgia e da crapula.

Afivelando no rosto uma mascara, elle embuçase no manto de Love'lace, mancha a sociedade notando o que ella tem de mais venerando—a mulher.

Dorothea não escapa á seducção; e aquella que julgava-o indigno de ser seu genro, aquella q' com todo despejo não vacillou recordar á Fernando o celebre verso:

Nogenta prole da rainha Ginga,

não se envorgouha de ser sua amante.

Felizmente no lado de Fernando está D. Juan, o amigo sincero, a alma pura e dedicada, que ao ter sciencia de semelhante baixeza de Fernando, emprazando uma entrevista á Dorothea, na sua casa de *garçon*, arranca-o de semelhante proposito, sabe inspirar-lhe ainda sentimentos nobres, e despertará a sua infancia; Dorothea apparece em scena, em lugar de encontrar um amante terno, encontra um homem de gelo prompto para derramar o seu sangue em defesa da sua honra, e sacrificar toda a sua gloria, somente para salvar o seu pudor.

Salvaste o principio da familia, e apesar da orgia quizeste que sobre o tripudiar immundo da crapula, o principio da familia pairasse com toda a magestade.

Esta scena da orgia é bem descripta, ha naturalidade, os personagens que n'ella figurão são bem desenhados; algumas vezes pela sua simplicidade faz-nos recordar algumas paginas das *Filles de Platre* de Xavier Montepin. Salva milagrosamente, Fernando conduz Dorothea para a casa da sua filha Isbella, já afflicta pelos cuidados que sentia pela sua ausencia.

Perdos-me para com os teus leitores, se apresso um pouco a narração, e necessario se torna que en escreva uma carta, e não um *tratado critico* dos Preconceitos; por isso passo ao teu 2º acto e nos outros fazendo as competentes observações.

No seo isolamento Isbella soffre com a resignação do martyr todas as grosserias torpes do homem a quem ella foi vendida—denominado pela sociedade—seo esposo. Ao contemplar esta ficção angelica do teo drama faz-nos recordar essa pobre Amelia, sublime modelo da esposa, idealizado por Ernesto Biester, nos scos *Homens Serios*.

Elizmente não foste, como o talentoso autor da *Moca Rica*, lançar Isbella no campo da perdição, não a desenhaste com as faces coloridas pelo champagne, ompunhando a taça da depravação e espantando as suas compaheiras por vel-a cuspiendo no que a sociedade tem de mais divino, e invocando Saten para lhe inspirar uma blasphemia horrorosa para atirar no rosto da Divindade.

Collocada em seo throno de esposa, nem um momento o espectador vê Isbella cahir ou marear a sublime corda da virtude; supporta todas as injurias do seo marido—o Commendador Motta—surprehende-o no momento em que elle distribue os carinhosos affagos de amante a uma das suas escravas—Pulcheria, e no contemplar quanto o seo marido tem descido, ella levanta os olhos para o céu, reveste-se do coragem, vae-lhe ao encontro e quando elle se persuade que o ciume vae romper os diques da sua colera, vê, ao contrario, o sorriso brincar-lhe nos labios e a palavra caridosa erguer-se in-

tercedendo pela escrava para que elle cumpra a sua
palavra arrancando-a do captiveiro.

Mas supportando com firmeza todas as tempestades, só uma rojou-a por terra, abatida como cedro da encosta da montanha fulminado pelo raio, é quando a realidade arranca-lhe o véo da illusão que até então havia-lhe vendado os olhos, é no momento em que ella sabe que sua mãe trahê os seus deveres de esposa, mancha o leito nupcial, emfim, é uma adúltera.

Ainda mais para partir-lhe todas fibras do coração, ella a vê nos braços de Fernando, do homem em cujas faces ella jôgou os maiores insultos.

Não podias evitar a morte de Isbella, ella que rendia um culto fanatico á virtude, ella que tinha feito do seu peito um sanctuario tão sollemne, onde para penetrar-se preciso tornava-se a purificação como os velhos pontifices de Jerusalem para entrarem na *sancta sanctorum*; ella, finalmente, que pensava que as suas virtudes não erão mais do que o reflexo das de sua mãe, não podia deixar de succumbir, quando soube q' a parte da sua alma, que julgava Fernando indigno de ser genro não corava de ser amante.

Era tarde o arrependimento de Dorothea, elle já não podia salvar Isbella das fúrcas do sepulchro; porem antes de morrer ella quiz ter uma entrevista com Fernando, e é n'essa occasião em que está com o pé no primeiro degrão da eternidade, q' abre o seu coração e confessa o seu amor, e em nome d'esse amor, que formara a pagina mais brilhante da sua vida, pede-lhe, roga-lhe para abandonar a carreira da devassidão e da crapula, e procurar a coragem em a sua alma forte de outr'ora para, aproveitando o seu genio, escrever com o seu nome e os louros das suas conquistas artisticas uma pagina de ouro na historia do seu paiz.

E' uma scena tocante esta em que Isbella ao ex-halar o ultimo suspiro, tem uma palavra de conforto para todos os que a rodeão.

Fernando accita a supplica da sua irmã Isbella

po: sua alma prestes a subir á mansão dos justos, jura que o mundo não ha de contempla-lo mais trilhando os invios caminhos da depravação, e já que os claustros brasileiros fecharão-lhe, em nome da fraternidade, as suas portas; para sepultar as suas dores, irá para Europa, e lá, onde não se distingue cores, encontrará o lenitivo ás torturas pelas quaes tem passado.

Vae pedir aos monges de S. Bernardo um lugar para viver na grandiosa missão de disputar á morte seus semelhantes; restituindo-lhes a vida.

Ha outras scenas felizes, em que deixo de tocar porque longa e bem longa já vae esta carta, e é preciso que ella tenha um termo; si não fosse esta fatalidade, faria uma analyse minuciosa do teu drama; apenas ligeiramente toquei nos pontos que me parecerão dignos de attenção, porque elles formão o grande elemento, onde repousa a acção do teu poema dramatico.

Concede-me a permissão para o que ainda tenho de acrescentar; e deixa que, tambem neste nosso colloquio de amizade, aponte algumas scenas, que não me agradarão.

Acho Dorothea algum tanto exaggerada. E' difficil, meu amigo, a mulher cahir tão baixo, ainda sabendo sustentar o manto da hypocrisia ao ponto de illudir a sociedade; não, a mulher quando caher, rompe de uma vez todos os laços, que a prendião á virtude, quer traje as sedas, que predizem prantos, na frase do poeta, quer va procurar as mais grosseiras e immundas emoções nos bordeis frequentados pela sentina social.

Além disso ha inverosimilhança no episodio desse desejo louco de entregar-se nos braços de Fernando, dá-se sem que o espectador surprehenda uma palavra de Dorothea, um gesto, sequer, por onde se explique ser essa uma das razões pela qual ella se oppoz ao casamento de Isbella e Fernando, e só mais tarde é que o espectador sabe que ella ama este, e como rival de sua filha não tem a suf-

ficiente coragem de ver o senhor absoluto de seu coração nos braços de outra.

Outro episodio, do qual o espectador tem o direito de pedir a explicação ao poeta, é aquelle em que Leonor—a actriz—envia a carta anonyma denunciando o Commendador Motta á sua mulher, como o primeiro personagem da crapula do segundo acto, e convidando-a para que o venha contemplar nos braços de Luiza.

Qual a razão que levou essa mulher á praticar semelhante acção? Seria porque Motta não lhe abria a carreira e não lhe dava ordens francas sobre ella? Seria levada á praticar esse acto por algum sentimento honesto e sob o impulso das recordações das virtudes, que formaram o seo ambiente na infancia?

Tues são as duvidas que assaltão o espirito do leitor ou do espectador, as quaes não resolves, e no entanto são incidentes, que quasi precipitam a acção do drama.

Si alguma vez fôr o teu drama no palco, eu te imploro que cortes a scena na qual ha o colloquio amoroso de Motta com Pulcheria.

Sabes melhor do que eu que o pudor da familia é uma lei que a ninguem é licito violar.

Pódiás revelar esta facc hedionda do caracter de Motta por outro meio, por exemplo, por meio de uma narração feita por Leopoldo, ou por outra qualquer personagem. Não te persuadas que condemnando, esta scena eu o faço por julgul-a exagerada e fóra do commum; infelizmente seria preciso que não conhecesse a sociedade em que vivo, para levar a condemnação por tal motivo. A unico razão que encontro é ser inconveniente:— como que offusca algum tanto a moral de tua obra.

Pondo do parte esses pequenos defeitos, podes ficar tranquilló e mesmo regosijar-te por haveres escripto um excellento trabalho, e revelado uma brilhante vocação para o theatro.

E' tempo de terminar.

Assim como não tens a presumpção de haver es-

cripto uma obra prima, e julgar-te-ias offendido si te collocasse na altura de Mendes Leal, Theodorre Barrière. Victorien-Sardou, assim, também, não tenho a pretensão de haver feito a critica do teu drama; e pois roga aos teos leitores que não considerem esta carta senão como uma palestra que tive contigo.

A sciencia de Planche, Villemain, La Harpe, e do espirituoso Julio Janin, nunca foi cultivada por mim, e até mesmo sempre tive aberração ao seu estudo, porque sempre tenho presente aos meos olhos o sedição, porém immortal preceito dos latinos—*quod natura dat, nemo negare potest*; é muito difficil a critica; si saber os preceitos dessa sciencia fosse receber o trabalho alheio, esmagando-o com a maledicencia, então a gloria desses criticos eminentes seriam umas nihilidades perante os zoilos, que por ahí surgem com a mesma abundancia dos gafanhotos de que fallam as sagradas letras narrando as pragas do Egypto.

Vaes publicar o teu livro !

Quando elle apparecer á luz has-de ver que turma de Aristarchos hão-de rodeal-o; has-de ouvir a sua analyse em todos os diapasons, has-de contemplar todo esse cortejo de genios, que não produzem, para encontrar o teu livro indigno de figurar em um raio da estante do mais ignorante; poucos, bens poucos far-te-hão justiça.

E' esta a sorte do escriptor publico, nenhum brado de animação lhe fere os ouvidos, e nem uma pequena homenagem lhe é tributada; não ha descanso para elle, é a sua missão caminhar, porque desde que o homem alistou-se nas fileiras desses levitas, deixou cahir sobre os hombros a maldita tunica de Nessus.

A pesar de todos esses obstaculos que cercão o pobre escriptor, apesar dessa luta horrõrosa que elle sustenta, ao ponto de muitas vezes não ter um leito para morrer como Hegesippe Moreau, todavia não desanimas, depois da tua estrea bri-

lhante ; não faças como muitos que ficam no meio da jornada sem terem a coragem de pisar as urzes e espinhos, tem sempre como pharol para guiar-te na escabrosa estrada de homem de letras as sublimos e animadoras palavras do poeta-rei brasileiro—Alvares de Azevedo:—Ardua embora a prova, a tarefa é sublimada.

Teu etc.

Victoria, Março de 1869.

CORREIA DE JESUS.

~~ALVARES DE AZEVEDO~~

Personagens.

FERNANDO TUFACINENGA.

D. JUAN PADILLA.

MANOEL DA MOTTA.

LEOPOLDO DA NOBREGA.

LUCIANO.

UM PADRE.

D. ISBELLA.

D. DOROTHEA.

ELSONORA.

LUIZA.

BRIGIDA.

PULCHERIA.

CONVIDADOS.

ESCRAVOS DE AMBOS OS SEXOS.

A scena é no Rio de Janeiro. Actualidade.

O intervallo do prologo ao 1º acto é de tres
annos.

Emendas.

Pagina	linha	lêa-se
8	9	Desgraçado o paiz
8	25	nudez o
12	8 e 9	talvez, si meu irmão.
20	24	extincto
28	15	prosa, a teria
29	33	distinguido....
34	2	Torna a ti.
34	17	improperios !
46	16	lhes devem
46	17	dellas,
48	4	mandatos.
60	6	tres annos
72	ultima	Retirem-se. Até já.
93	15	("entra Pulcheria.")
102	6	como os de Bernardim
106	12	JUAN.

Alom disso a pagina 135 depois da falla de Isbella escapou o seguinte:—"Sobrevem-lhe? grande accesso de tosse."

Tambem, devido a descuidos da revisão, a conjuncção condicional o hypothotica—si—vae algumas vezes escripta conforme sua etymologia e outras conforme o uso mais geral, assim, vae ora—si—ora—se—.

As mais, por insignificantes, abstermo-nos de fazer.

PROLOGO.

Um salão luxuoso. — Portas lateraes e ao fundo.

SCENA I.

LEOPOLDO E DOROTHÉA.

Dorothea sentada em um divan, Leopoldo em uma poltrona ao lado, tendo em uma das mãos um —Jornal do Commercio,—que lê.

LEOPOLDO.

Ja leu isto?

DOROTHÉA.

Não tive tempo de ler as gazetas; a solução do casamento de minha filha tem-me tomado toda attenção. Não sei como faremos uma retirada gloriosa.

LEOPOLDO.

Quasi que é á proposito disso.

DOROTHÉA.

Como?! Pois o *Jornal* occupa-se do casamento de Isbella? Chame-o a responsabilidade,

Leopoldo, chame-o. A liberdade de imprensa não deve ser tão extensa; isso é demais.

LEOPOLDO.

Você comprehendeu-me mal, minha amiga, o *Jornal* nem sabe que Isbella é viva. Trata-se aqui de uma medalha, que Fernando recebeu na exposição de Paris pelo seu brilhante quadro— D. Manoel, lendo a carta de Pero Vaz de Caminho; — vem aqui a traducção de um artigo da *Revista dos Dois Mundos*, assaz encomiastico.

DOROTHÉA.

Hão de ser mais as vozes.

LEOPOLDO.

Não; tanto merecimento tem que o Imperador Napoleão mandou offerecer por elle cinco mil francos, cerca de dous contos de reis; mas já estava vendido á D. Fernando, o Rei Artista.

DOROTHÉA.

Como o tal pintorzinho vendeu um quadro bem vendido, todo o pae deve ir offerecer-lhe a filha em casamento. . . . Que influencia dá dous contos de réis!

LEOPOLDO.

Não se trata de dous contos, sim da gloria que se reflecte sobre o joven brasileiro, cujo trabalho, entre tantos de grande valor, obteve um premio, que nunca é dado immercidamente. Um rapaz de vinte e quatro annos, que alcança essas victorias, não tem um talento vulgar! (*Tristemente!*) Eu via um futuro muito risonho para minha filha si se casasse com elle!

DOROTHEA.

E ella casada com quem lhe *destinamos* não terá o mesmo futuro? Melhor, meu Leopoldo; muito mais dinheiro tem Motta que Fernando talento, e ante o dinheiro o talento se curva; o quadro por você tão decantado foi vendido, transformou-se em dinheiro.

LEOPOLDO.

E' muito sophista, minha querida, mas... Precindamos de tudo, lembremo-nos como elles se adorão!

DOROTHEA.

Os amores das meninas da idade da nossa são cousa de pouca valia; amão amanhã o que hoje aborrecem e vice-versa. Isbella nos agradecerá; dará por bem empregado o futuro que lhes preparamos, á custa de uma lagrima e um dia de tristeza.

LEOPOLDO.

Não é tanto?... Custa-me muito cruciar a primeira affeição de minha filha.

DOROTHEA.

Qual affeição?... E' melhor que hoje choringue, para nunca mais ter um queixume, do que alegrar-se muito, e, no fim de um mez, não querer nem mais sahir de casa, envergonhada e cheia de desespero irremediavel.

LEOPOLDO.

De que envergonhada? Um Fernando envergonha alguém? Pintor distincto, mancebo

instruído, morigerado, amavel!... Minha filha nunca terá desgosto de ser mulher de um moço pouco favorecido dos bens da fortuna, mas um Rotschildo de tudo o mais. Pense bem, veja; Isbella será muito feliz.

DOROTHEA.

Como pôde ser feliz a mulher de um mulato!

LEOPOLDO.

O que diz, senhora!... Oh!....

DOROTHEA.

Digo a verdade, mas peço que dê descanso á suas exclamações, pois ouço saber. Talvez seja o seu heroe. (Batem.) Tiro-lhe as esperanças, moderado como é, dará um golpe macio. (Saída falsa.)

LEOPOLDO.

Não; fique a Senhora: tenho a cabeça ardendo. (Sabe.)

Voz.

O Sr. Dr. Padilla.

SCENA II.

DOROTHEA E D. JUAN.

DOROTHEA.

(No intervallo entre a saída de Leopoldo e entrada de D. Juan -- aparte.) Por um lado também sinto desfechar esse golpe em minha pobre filha, ella ama-o muito, e elle é digno; talvez que eu, apczar de bem comprehender as distan-

cias que nos separam, fizesse o mesmo; mas, o que diriam nossas amigas? ... Que vergonha! só o pensar me horrecisa, um genro da côr de meus escravos! ... (Entra Juan.)

JUAN.

Excellentissima. (Saída) Como que noto que está agitada? (Solicito.) Sente algum incommodo? O amigo ensinará ao medico os segredos da sciencia para combater, com certeza da victoria, qualquer molestia que se lha queira aproximar. Permite? { Toca a campainha, entra um escravo de libed. } Traze um copo com agoa, assucar e agoa de flores de laranjeiras. (O escravo sahe.)

DOROTHEA.

Que bondade! que delicadeza! que perspicacia! ... Sempre mostra que é filho da gabadá Andaluza. (Sentam-se.)

JUAN.

Muito obrigado, mas permita um protesto a favor do Brasil. Ainda que a Andaluza, a patria de Seneca e de Lucano, de Murillo e de Velasquez, de Herrera e de Rueda, seja dotada do mais delicioso clima das Hespanhas; ainda que nós outros sejamos tidos pelos mais amareis dos Iberos: e céu azul de minha saudosa Sevilha não imprime em seus filhos mais espirito e mais graça que o purissimo céu da soberba Guanabara, da placida Paulicéa, do ameno Rio Grande do Sul, ou de outro qualquer local deste Imperio. O Guadalquivir, que banha nem só Sevilha, como Cordova, como grande parte da antiga Vandallia: não é mais bello que o Rio Doce, e é mui-

to menos importante que elle, o S. Francisco, o Tocantins e tantos outros.

DOROTHEA.

Agora sou eu quem agradece. Como conheceu que eu estava agilada quero dizer-lhe a razão, mesmo porque, amigo como é nosso, deve ser o primeiro a saber de nossas felicidades. Isbella foi pedida e dada em casamento.

JUAN.

Muito bem! De coração estimo! Quem é o feliz mortal que pela suave cadêa do amor se vai ligar áquelle anjo?

DOROTHEA.

O Commendador Manoel da Motta.

JUAN.

(Com admiração.) Quem?!... Manoel da Motta!...

DOROTHEA.

Esso espanto não nos é muito lisongeiro /
(Sorrindo.) Quem mais digno do que elle? bello
moco, millionario, commendador, muito breve
titular!... A não ser o senhor, ninguem vem a
esta casa mais merecedor que elle. x

JUAN.

Perdão. Meu espanto não se traduz como o
quiz V. Ex. Conheço perfeitamente quanto vale
o Sr. Motta, mas... vem aqui um moco di-
gno de um sceptro, se elles se dessem ao mais dis-
tincto, que me fazia suppor....

DOROTHEA.

(*A parte.*) Quer fallar de Fernando. (*Alto*)
 Não atino? Quem é essa estrolla desconhecida?

JUAN.

Quem? Fernando Tupacinunga.

DOROTHEA.

Estou abismada! Deveras o Sr. chegou a sup-
 por tal cousa?... Culpada somos eu e Leopoldo
 por termos consentido vir a esta casa esse....

JUAN.

(*Sem poder conter-se.*) Tenho tido esse moço
 por um cavalleiro, cheio de merecimentos, vir-
 tudes, genio—e até por um desses homens que
 honrão a nação a que pertencem; vejo que estava
 illudido, peço-lhe pois, minha senhora, que me
 esclareça. Será um favor. O Sr. Fernando Tupa-
 cinunga não é um homem de bem?

DOROTHEA.

Ninguem o contesta, mas... Isso só não bas-
 ta. O mundo é tão exigente!...

JUAN.

Si não tom mancha em sua vida, accrescen-
 do mais, ser artista de talento pouco vulgar, com
 um porvir esperançoso, o que mais lhe falta pa-
 ra o mundo exigente?

DOROTHEA.

(*Fingindo difficuldade.*) Eu não tenho essas

idéas; sou deslitrada de prejuizos, mas... tenho parentes... e....

JUAN.

Acabe, por favor, D. Dorothea.

DOROTHEA.

Não vê que Fernando é um mulato.

JUAN.

Oh!... Seu crime é ser mulato!... (Pause.)
Desgracado país em que os homens são apreciados pela cor e pelos teres! Quantos homens de genio não terá o Brasil perdido por essas prevenções... ridiculas.

E não de censurar a nobili-mania européa, quando essa tem uma razão de ser!—A nobreza recorda heroicidade, patriotismo ou virtude de um antepassado, mas a cor... Pe rdoe-me, D. Dorothea, fui talvez inconveniente.

DOROTHEA.

Não, Doutor, o Europeo nunca pode ser inconveniente, aprende tanta cousa boa nessa parte do mundo, unica privilegida!...

JUAN.

Se tem erres, muitos de seus filhos combatem-nos denodadamente. Lá se vê em toda sua nudezo apophthegma de Peletan. Se Fernando fór á Europa, com o nome que já tem hade ser recebido com muito especial prazer, deixe ir essa phrase, é parlamentar. Lá, elle teria melhor lugar que os brancos como... que os brancos vulgares e ignorantes.

DOROTHEA.

Não duvido, mas nós estamos na America. Fique certo que, se Sr. Fernando com todo seu grande aranzel de sabedoria, ousasse pedir a mão de minha filha, eu o manitaria despedir por meus lacaios.

JUAN.

Faz um gesto de indignação.

DOROTHEA.

Vejo que o encominado; o Dr. tomou muita sympathia por esse... rapaz. Desculpe-me.

JUAN.

Qual minha senhora, pelo contrario, V. Ex. presta uma excellente pagina de costumes brasileiros á meu album de *tourista*.

DOROTHEA.

Addicione então o seguinte. As brasileiros yankees não maltratão os sangues mesclados, dão-lhes até a honra de abrir-lhes seus salões; mas ellas consentem jamais cousa alguma, além do que uma rainha consente á seus domesticos.

JUAN.

Não me esquecerei, fique certa V. Ex. Mas, eis D. Isbella, felizmente. (*Levanta-se, vaccehel-a.*)

SCENA III.

OS MESMOS E ISBELLÁ.

ISBELLÁ.

(*Traz um copo com agua em uma salva, fulta com susto.*) Dr., o que tem mamã.

JUAN.

(*Recebe o copo.*) Nada, bella senhorita; não sabe que se ella tivesse alguma molestia não seria tratada com esse calmante, e não estaria sem sua mimosa irmã de caridade? Tinha sede e mandei vir isto. (*a Dorotheu.*) Beba, minha senhora, hade fazer bem.

ISBELLÁ.

Beba, mamã.

DOROTHEA.

Eu não deveria, para vingar-me do Doutor, que te assustou, emfim. . . . (*Toma o copo e bebe.*) Estás contente?

ISBELLÁ.

Muito. Agora quero tomar contas. (*Fingindo-se grane.*) Porque não tem apparecido, Don Juan? Não sabe que sua ausencia nos é muito sensivel? Porque assim nos maltrata? Ainda que réo, consinto que sente-se. (*Sentão-se.*)

JUAN.

(*Sorrindo.*) Não vê que já fui punido?

ISBELLA.

Como?

JUAN.

Estive durante oito dias na Groenlandia, na força do inverno; não vi o sol. Para toda parte que eu fitava via uma natureza gelida, sem vida.

ISBELLA.

Onde irá elle parar, meu Deus? Quem lhe levou á essas polares regiões. Não o comprehendo.

JUAN.

Meus muitos afazeres ao lado de um amigo que precisou de meus serviços para a virtuosa consorte, privando-me de aqui vir, fez com que deixasse de gosar da sua presença.

ISBELLA.

Como é lisongeiro! Não ha remedio, está absolvido.

JUAN.

Neste caso, é justo que me dê licença para visitar um doente.

ISBELLA.

Com uma condição, a de voltar, e, se passar pelo Garnier, dizer-lhe que mande-me meu numero da *Revista dos Dois Mundos*, e da *Illustração*.

JUAN.

(Saudando.) Cumprirei seus mandatos.

DOROTHEA E ISBELLA.

Até breve *(Sabe Juan.)*

SCENA IV.

MENOS D. JUAN.

ISBELLA

Cada vez gosto mais deste homem — talvez se meu irmão não o estimasse mais.

DOROTHEA.

E' bom moço, mas tem muitos prejuizos. Imbuído nas idéas democraticas, encara todos os homens no mesmo pé de igualdade, seja negro ou branco; ora isso não é bom. Deus quando marcou os homens com esta ou aquella côr foi para mostrar maior ou menor cathegoria. — Quem, a não ser esses utopistas da escola de Hugo, será capaz de clamar contra o captivoiro, essa instituição sabia e religiosa, que faz que o negro sempre se recorde que descende de um amaldiçoado. Se Deus condemnou os filhos do Cham a servirem aos de seus irmãos, é claro que um dessa raça nunca será igual a nós outros. E' grande peccado esse liberalismo; Deus que o determinou é porque assim foi necessario.

ISBELLA.

(Aparte.) Tenho tanto desgosto de mamã pensar assim!

DOROTHÉA.

Aposto que pensas como elle,

ISBELLA.

(*Hesitando.*) Tanto ou quanto.

DOROTHÉA.

Tambem permittes que um negro, por exemplo, possa exceder um branco? ←

ISBELLA.

Sem duvida. Entre Henrique Dias, esse heroe que, desde 1633 até a definitiva expulsão dos Holandezes, mostrou-se sempre um typo homerico, tanto que alcançou o fôro de fidalgo, o posto de mestre de campo, o habito de Christo, e nome immortal, e aquelle celebre Francisco de Castro de Moraes, que em 1711 entregou, por traicão ou covardia, esta bella cidade, que governava, a Duguay Trouin; a quem dá mamãe prioridade? → Henri negro

DOROTHÉA.

E serias capaz de casar com Henrique Dias?

ISBELLA.

Porque não, se lhe tivesseo amor.

DOROTHÉA.

Eis o *basilis*.

ISBELLA.

Não. A diuino, d'ali para o amor é um passo.

Graças á meus paes, minha educaçáo fez-me superior aos preconceitos.

DOROTHEA.

(*A parte.*) Aproveitemos a occasião, talvez outra melhor se não apresente. (*Alto*) Muito estimo teus louvaveis sentimentos; se fossem outros não te parecerias comigo. Quando eu tinha tua idade era o mesmo que és. Revejo-me orgulhosa em ti. (*Abruce-a.*)

ISBELLA.

(*Alegro.*) Tantos gabos me farão vaidosa.

DOROTHEA.

Não são imerecidos. Conheço-te e tanto que, sem audiência tua, aceitei para teu esposo o Comendador Manoel da Motta,

ISBELLA.

(*Terror.*) Meu Deus! . . . Eu mulher daquelle homem! . . . Um homem tão ignorante! . .

DOROTHEA.

E' um moço que não teve em grande quantidade esse falso atavio que chamão instrucção, mas, apesar disso, já teve uma commenda e breve terá um baronato

ISBELLA.

Comprado! O Africano azorragado, que, amanhã liberto, pôder adquirir uma fortuna, terá uma commenda se fizer o mesmo acto heroico que elle fez.

DOROTHEA.

Dizem que ha Africanos ricos nesta cidade, mas nunca vi nenhum condecorado. Seria galante um habito no peito de um negro!...

ISABELLA.

Estaria peor collocado que na casaca do ladrão, como dizem que ja se tem visto?

DOROTHEA.

(Contendo-se.) Não tratemos de politica, visto que não vem ao caso indagarmos se as condecorações tem sido mal barateadas; tratemos do teu casamento.

ISABELLA.

Sou ainda tão creança!

DOROTHEA.

E' lugar muito commum. Talvez não te julgasses creança se outro fosse o noivo. Pensa bem. Concorde que Motta poderia ter melhor educação, mas tu sabes por dous. Gastámos muito com tua educação, mas não tenho pena porque aproveitaste. Deixarás de fazer-me a vontade agora? Quando escolhi para teu consorte o Comendador foi prevenido tua felicidade. Sem fallar-te em outra cousa—mulher delle poderás ter a mais rica bibliotheca, publicar teus escriptos, viajar, manter professores -- entregar-te á tua paixão dominante, sem péas nem embaraços; porque serás uma das mais ricas moças desta Capital.

ISABELLA.

Aprecio devidamente a intenção e agradeço; mas permita-me, mamão, uma reflexão. Adquirindo cada vez mais instrução, eu ia vez mais tosei necessidade de alguém com quem me entretenha no intimidade. A quem fruscar? Minhas amigas. . . mamão sabe como é descuidada a educação que se dá à mulher no Brasil. A menina que sabe francez para interpretar um mós romance, que faz crochê, estrophia uma valsa de Strauss e assassina uma cavatina, é um genio; tem uma educação de princeza.

DOROTHEA.

Fallas mol das pessoas de teu sexo?

ISABELLA.

Não senhora; eu fallo contra o falso methodo pelo qual nos instruem. Tão talentosos como os nossos patricios, quantas apparecemos? Uma Nize Floresta, uma Beatriz Brandão, uma Ximenes de Bivar e poucas mais. Nós não temos culpa; assim nos educão, assim ficamos. Se meu pae não tivesse cuidado em minha educação, se me entregasse a uma dessas professoras. . . mercantis, eu hoje me contentaria em ser adorno de sala, rival de uma jarra de porcellana e nada mais.

DOROTHEA.

(Interrompendo-a.) Apre! que és muito diffusa las apresentar uma reflexão, e trataste de uma questão social. . . Onde querias chegar?

ISABELLA.

Na vida miseravel e isolada a que me condemnaria, casada com o Commendador.

↓
instruy
da
mulher



DOROTHÉA.

Mas teu salão sempre frequentado. . . .

ISABELLA.

Será a melhor sociedade para uma moça somente a dos homens, e sem estar seu marido presente? porque elle se aborreceria, como eu quando ouço fallar o chinez.

DOROTHÉA.

Comprehendo; resistes, não é assim? . . . Será melhor do que o Commandador — Fernando, o mulato?

ISABELLA.

(A parte angustiada.) Meu Deus! . . .

DOROTHÉA.

Prometti, serás mulher de Manoel da Motta. Se resistires, se preferires á elle esse desprezível descendente de negros. . . . eu me vingarei de ti e delle; a ti desherdarei, privar-te-hei da liberdade; e a elle, mandarei lançar pela escada a primeira vez que aqui apresentar-se.

ISABELLA.

(Ajoelha-se.) Oh! minha mãe, não, não lhe faça esse ultrage; eu a tudo me submetterei. Prometto que não me casarei com pessoa alguma contra sua vontade; mas não o desfeitoio. . . .

DOROTHÉA.

(Commovida.) Muito bem, levanta-te. *(Levanta-a.)* Sou sensível á quem sabe cumprir com seus deveres. Prometto tolerar-o se tu quizeres ser boa filha. — Vou até lá dentro. *(Sai.)*

SCENA V.

ISABELLA (só.)

Meu Deus! como podeste permittir que um sentimento tão puro fosse desfolhado tão deshumana e prematuramente! como consentiste na guerra que fazem á uma de tuas creaturas a mais digna de venturas!... Nossa separação está decretada, o homem, que nos meus sonhos elegi meu amigo e meu senhor sob o título de esposo, vai ser-me arrancado dos braços, e eu deixarei que isso faça sem murmúrio, porque prefiro minha morte á vel-o desfeitoado!... Elle é homem; longe de mim depressa se consolará nos braços de outra, mas eu... mulher daquelle ente abjecto e desprezível!... Oh! minha mãe que vás ser algoz de tua filha!... Eu te perdôo! perdôo o teu orgulho, perdôo tuas loucas ambições e insolitos prejuizos!... Mas hei de deixar que mirrhem as flores mais lindas de meu coração, e sem defendel-as?!... Tudo consentirei; meu corpo todo ao leilão da vaidade, meu nome trocarei pelo do mais estúpido mortal! mas meu coração, meus affectos, minha alma! oh! isso não; isso só será de meu Fernando! *(Entra Fernando, Isabella cahe de joelhos em pranto.)*

SCENA VI.

ISABELLA E FERNANDO.

FERNANDO.

(Solicitado.) O que é isso, minha senhora, chora ?

ISABELLA.

(Levanta-se desvairada.) Fogo, Fernando, fogo. Querem matar-nos, querem nos separar!

FERNANDO.

(O mesmo.) Quem? Querem separar-nos? Tremos. meu anjo? o que tens! Falla.

ISABELLA.

Não é crime lutar com a desgraça, não é assim? eu lutarei, sim, Deus me valerá.

FERNANDO.

Anima-te, ninguém, terá poder de nos separar, hoje mesmo será fixada nossa ventura. Venho pedir-te em casamento.

ISABELLA.

(Assustada.) Pedir-me em casamento?!... *(A parte.)* Dae-me forças meu Deus! antes tirar-lhe já toda esperança!... *(Alto.)* Quem autorisou-lhe a dar esse passo? Comprehando, o senhor suppoz-me igual á essas moças que, mortas de desejos de casar, accitão o primeiro parvenu, não é assim? Enganou-se; não quero... *(Comovida.)* Não me peça em casamento! *(Procura occultar o pranto.)*

FERNANDO.

(A parte.) Têrá enlouquecido? Essas contradicções!... *(Alto.)* Isbella, anjo do meu céu, luz de meu limbo! sou eu, é o teu Fernando quem te falla!... Lembra-te daquello dia, era mesmo

nesta hora (*leva-a para junto da janella*); os sabiás já tinham fechado a fonte de melodias de seu peito, quando nós passeavamos contemplando a linda cascata de Itamaraty! Só se ouvia o ameno bafejar das virações da tarde segredando amores nas emoranhadas flores do bosque; a bulha da queda da cachoeira transformada em aljofares como que nos isolava dos alegres pares que connosco passeavam, entregues todos a esse arrouba fatal q' se apodera do homem diante dos bellos quadros da natureza! Eu, mais impressionado do que todos, deixei fallar meu coração, usei descobrir o segredo que nelle existia ha dous annos: disse que te amava! E tu, mais rubra que a grenadina, murmuraste. . . não calcaste minhas affeições!

ISBELLA.

(*Aparte.*) Meu Deus, meu Deus dae-me coragem!

FERNANDO.

Recordas-te?

ISBELLA.

(*Fingindo-se uspera.*) É a que proposito vem isso, Sr.? O passado. . . está extincto e esquecido!

FERNANDO.

(*Angustiado.*) Não creio em meus sentidos! Não foi Isbella quem fallou; não, não é possível! (*á Isbella*) Gracejas, não Senhora? mas basta desse divertimento; é cruel! Responde, amas-me? Queres ser minha consorte?

ISBELLA.

(*Esforço.*) Eu. . . eu. . . nunca lhe amei, até

deles-to-lhe!... (Atira-se em uma cadeira cobrindo o rosto com as mãos.)

FERNANDO.

(Desesperado,) Isso devia ser assim!... Nasci para soffrer, minha sorte deve cumprir-se!... Amado de meus paes, uma epidemia levou-os, deixando-me na orphandade quando mais delles necessitava; podendo ser rico, um tutor dissipou-me, deixando-me quasi na miseria; amo loucamente, trabalho, quero alcançar um nome distincto para offerecer á mulher que em meus transportes seria capaz de prestar cultos que só á divindade pertencem, e ella despedaça meu amor com o mesmo prazer que a tempestade ao baixel que se abrigou entre arrecifes. (Dor.) E eu que julgava que Shakspeare mentira, quando comparára a mulher com a onça!...

ISBELLA.

(Voz fraca.) Basta, senhor; minha mãe pôde vir. (Aparte.) Como elle soffre!...

FERNANDO.

Já me retiro, minha senhora, não continuei a nodoar os seus salões. Adeos!.. (Parte.)

SCENA VII.

ISBELLA, DEPOIS DOROTHEA.

ISBELLA.

Partio; leva a morte no coração e nos labios a blasfemia!... E tudo isso é minha obra!... Co-

mo, eu sou miseravel !... *(Chora.)* Minha mãe obedecei-te, desci tanto que tornei-me digna do teu protegido.

DOROTHEA.

(Entrando.) Não choras, filha, nem-me fiques querendo mal: eró, trabalhaste para tua felicidade?... Amanhã verás que essas lagrimas, como o orvalho matutino, farão abrir viciosas as flores de teu futuro. Não soffras. Cumpriste o que devias; ouvi tudo.

ISBELLA.

(Ironica.) Soffrer?!... Tenho o paraizo no coração! Aquello homem me é indifferente.

DOROTHEA.

Indifferente ou não, será punido. Assistirá o começo de tua felicidade. Mandeí em teu nome pedir-lhe que viesse, de certo virá. Elle conta com teu arrependimento, e....

ISBELLA.

Para que mais? Não bastão as angustias que lhe implantamos á alma?

DOROTHEA.

Tens medo de fraquear? Estarei presente; serei teu Cyreneu! *(Sorriso ironico.)*

SCENA VIII.

ISBELLA, DOROTHEA E MOTTA.

MOTTA.

(Ao ridículo do mudo.) Dão-me ogresso?

DOROTHEA

(*Aparte.*) Egresso, que estúpido, mas é rico! . . .
(*Alto*) Precisa pedir. Esta casa é sua.

MORRA.

Reconheço. Como passão V. Exs.? O que me guardaram? Eu trouxe este anel de brilhantes para D. Isbella e este chalo para a senhora. (*Mostra os objectos*) Que tal? Tinha tanta pressa que trouxe mesmo em meu carro.

DOROTHEA.

Muito bom gosto.

MORRA.

D. Isbella não quer ver sua memoria? Pois elle custou seiscentos e oitenta mil reis no Boulte, nem todos dão desses presentes. O que diz?

DOROTHEA.

Nem se pergunta. Isbella não responde voxada diante de tanta bondade sua. Ella zanga-se porque pensa que o senhor quer á força de presentes prevar qua ama, quando não é necessario.

MORRA.

Que lembrança! . . . E' meu costume! . . . Tenho dado tantos presentes e a tanta gentel E' tara a cantora a quem não desse um mimo ao menos. Quem gosta de uma moça deve dar-lhe alguma lembrança. Comprehendo; esta sucia de pobretões que lhe fazem a corte nunca lhe derão uma bala de estallo, não é assim?

ISBELLA.

(*Aparte.*) Eis meu futuro !

DOROTHEA.

Perdos-me, não tome minha filha por uma loureira, se alguém a admirava era sem ordem della

MOTTA.

Não defenda-a disso. O ciúme é sentimento da gentalha; eu sou vinho de outra pipa. Nunca me casaria com a mulher que não fosse requestada. Onde está a vantagem de ir buscar uma onça de quem ninguém fizesse caso ? O luxo é provar a cincuenta ou sessenta que eu venci a todos, e obrigar- os a dizer: — O diabo do Commendador ganhou a partida !

DOROTHEA.

Prova ser um moço completo.

MOTTA.

E outra cousa, quem gabará a mulher? o marido? seria rãtio. São theorias absurdas que não pegam na minha phylosophia.

ISBELLA.

(*Aparte.*) Que estúpido! . . . (*Alto.*) Dá-me licença? (*Sabe.*)

SCENA IX.

MENOS ISBELLA.

DOROTHEA.

Vê que cãndidez ?

MOTTA.

E' verdade, que tolicei! Ficou vermelha como um pimentão. *(Ri-se.)*

DOROTHEA.

Ri-se de sua noiva? Ficou muito penhorada do seu pedido.

MOTTA.

Aceitou, oim! Logo vi! Acredita? Nunca encontrei moça de quem mais gostasse que da senhora sua filha. Já recusei algumas bonitas e muito ricas.

LEOPOLDO.

(Dentro.) Suba, Doutor.

DOROTHEA.

E' meu marido e o Dr. Padilla.

SCENA X.

OS MESMOS LEOPOLDO E PADILLA.

LEOPOLDO.

Quasi cahi; a escada está ás escuras. *(Sauda Motta.)*

JUAN.

Eis-me de volta, trago os livros da Sr. D. Isbella.

DOROTHEA.

Vou chamal-a; dem-me licença. *(Sai.)*

JUAN.

Então, Sr. Commendador quantas acções tentamos comprar da nova companhia de navegação?

MOTTA.

Se fosse para algum theatro compraria, mas para navegação... temos conversado. Eu pouco vijo por mar, e, quando queira, metter-me hei á bordo de algum paquete, pagarei a passagem e faça Deus bom tempo. Dr., meu dinheiro se gasta só em cousas de propria utilidade.

JUAN.

Não o suppunha tão egoista!... O Commendador não ama seu paiz?

MOTTA.

Tanto que dei dinheiro para o hospital dos alienados.

JUAN.

Porque sabia que obteria a commenda. Aquelle que faz alguma acção com a mira na recompensa não é digno de louvor.

MOTTA.

Obrigado!... essa é sua. Que lucro tiramos em espalhar nossa fortuna átoa? Reforme seu juizo.

JUAN.

Não, que parodiiei o Divino Mestre.

SCENA XI.

OS MESMOS E ISBELLA.

ISBELLA.

Soube que levou sua bondade à ponto de trazer os livros. Ora um medico *fashionable* carregando trouxas!...

JUAN.

Para V. Ex. tiraria de Atlas a carga para depositar a seus pés.

MOTTA.

Que sucanha! Se fosse um atlas de Gaultier era grande peso. *(Rindo.)*

ISBELLA.

(Fita-o com despreso, e volta-se para o doutor.)
O que traz a Revista dos Dois Mundos?

JUAN.

(Da-lhe os livros) Pouco li; apenas notei um artigo acerca da exposição, muito interessante.

MOTTA.

Deixe ver isso. *(Quer tomar os livros.)*

ISBELLA.

(Di-lhe.) Não precisa assaltar — aqui tem; mas veja que é francez, lingua que o senhor detesta como todas as que gente culta falla *(Batem)*.

DOROTHEA.

(Dentro) Oh! entre, Sr. Fernando, estimo muito vê-lo.

SCENA XII.

OS MESMOS MAIS FERNANDO E DOROTHEA.

ISABELLA.

(*Aparte.*) Coitado, acreditou no recado!

FERNANDO.

Perque estima minha presenca, minha senhora.

DOROTHEA.

Para comunicar-lhe que minha filha está perdida pelo Sr. Commendador Manoel da Motta.

FERNANDO.

(*Tremulo.*) Estimo muito, aceite... meus sinceros parabens (*Pausa*). D. Isbella, se eu fosse prevenido, em vez de uma felicitação em toska prosa teria feito em verso. No dia das bodas não me descuidarei. V. Ex. e o Sr. Commendador hão de ser decantados; asseguro-lhe.

MOTTA.

(*Aparte.*) Ah! que o diabo do namorado está me debicando!... (*Alto*) Tambem decantalo-hei.

JUAN.

Faz versos, Sr. Commendador?

MOTTA.

Não; pois gente seria fez versos! Isso não se

pergunta, Doutor. Pagarei um poeta e terei uma décima de cincuenta ou sessenta pés.

DONTHÉA.

Recommende ao seu poeta que dê por epi-
gráphe á versalhada, um soneto de um poeta portu-
guéz que começa :

Nogenta prole da rainha Ginga.

FERNANDO.

E' um bello soneto, conheço-o, minha senho-
ra; para competir com elle darei por epigrapha
á meu epithalamio o seguinte, não de Bocage
mas de outro genio portuguez, Castello Branco:

Não creias: A virgindade
Em coração de mulher,
Não chega nunca a nascer
Nasce e morre em embrião.

MORTA.

Bravo muito bem (*A parte*) Não pesquei pata-
vina.

LEOPOLDO.

(*Grave.*) Sr. Fernando, creio que minha casa
tem jús á mais respeito. Temos sempre o des-
tinguido....

FERNANDO.

Oh! muito!... Até me chamaram para in-
sultarem-me.

Quantes poderão dizer outro tanto?

DOROTHEA.

Falla da sociedade onde por favor é admittido!...

LEOPOLDO.

Senhora, isto é um espectáculo improprio de nossa posição.

DOROTHEA

Improprio era continuarmos a tratar aquellã senhor de maneira a dar-lhe azo a formar castellos!... (Escarneo) Que genro! Que netos!...

FERNANDO.

Quando eu disse-lhe que almejava a honra insignificante de alliar-me á sua excelsa familia?

DOROTHEA.

Bastava a ironia do parabem!... De sorte que, uma familia que se presa, vê-se obrigada a andar sempre vigiando-se para obstar um assalto dos... possadores de dotes e posições! E sempre fingindo amor e desinteresse!...

FERNANDO.

(Desvairado.) Mereço um castigo, por isso eu te perdoo — instrumento da vingança divina! Eu ameí uma mulher!.. Fui tão nescio q' cria que na terra podem encontrár-se anjos!... Era um sonho, despertei!

ISABELLA:

(Não podendo conter-se, cobre o rosto com as mãos chorando em pranto.)

JEAN.

Respeita aquelle pranto — é demais eloquente.

FERNANDO.

Prantos ? Ouve o que diz Castello Branco:

Não creias. Se o pranto vires
Em mulher, que o pranto ostenta,
E' a astucia, que fermenta
A cavilosa traição !...

ISABELLA.

Meu Deus !... Ai ! eu morro !... (Desmaiou todos, excepto Fernando se lhe acercão.)

DOROTHÉA.

Minha filha !... Eis as obras deste miseravel !... Venha aqui alguém para expulsal-o !

LEOPOLDO.

Senhora, socegue... Meu Deus, que desgraça ! que vergonha !...

JUAN.

Senhora D. Dorothéa, pela amizade q' se dignava de mostrar-me, não lance mão de meios extremos ! Meu amigo sahirá comigo; não acabe de

enlouquecer o pobre rapaz! (á Leopoldo) Sr. Nobrega, Fernando está em um estado de sobreexcitação nervosa que quasi o priva do uso do raciocínio; desculpe-lhe alguma inconveniencia: elle não sabe o que faz. Deixe-me só com elle.

LEOPOLDO.

Oh! meu amigo! Sim, eu comprehendo.

MOTTA.

(Aparte.) As coisas complicam-se e eu raspo-me (Procura sair.)

LEOPOLDO.

Doutor, veja minha filha.

JUAN.

(Examina) Não é nada; repouso absoluto, e dê-lhe já a cheirar ether.

DOROTHÉA.

Senhor Motta, ajude-me a levar sua noiva (Chamando). Venha aqui alguem! Brigida! Pulcheria!...

(Entram escravas e conduzem Isbella desmaiada.)

SCENA XIV.

FERNANDO E JUAN.

JUAN.

Vamos, Fernando?

FERNANDO.

Deixa-me, deixa-me acompanhar minha esposa morta! (Quer seguir Isbella.)

JUAN.

Torna-a fi. Isbella nunca hade ter o nome de tua esposa.

FERNANDO.

Sim, já sei: ella vai casar com outro, a parfi-da!...

JUAN.

Não insultes a desgraça. Isbach, quando se curvou a espera do golpe, era uma vítima.

FERNANDO.

Ella não será conivente, D. Juan?

JUAN.

Não vistes a pallidez, o choro, o desmaio?

FERNANDO.

(Chorando) Eu sou um miseravel! Ousei insultar o pobre anjo. Com minha dextra, gravei em seu coração, uma adaga de improperios! *(Pausa.)* Pudilla, Pudilla! *(Atrai-se nos braços de D. Juan.)* Por maior que sejam meus crimes, hoje estou punido! Não pensei que um homem pudesse soffrer tanto!... Quem sabe se morreu? Deixa-me ir vel-a. *(Quer seguir, é abstoído.)*

JUAN.

Lembra-te que es donos desta casa não te que rem mais consentir nella.

FERNANDO.

Mas Isbella morreu: quero vel-a!

JUAN.

Ainda morta, aquella Julieta, não pôde ser tua.
Vamos.

FERNANDO.

(Tristemente.) Vamos. Adeos secretario de mi-
nha musa! musa de minhas inspirações! adeos!

JUAN.

(Levando o panco a pouco.) Vamos! Animo! Sê
homem!

FERNANDO.

Tenho força: a hora da fraqueza cessou. Pho-
nix maldita, de mim nascerá um outro homem—
Um reprobato! ... Deixa-me só buscar aquel-
le lenço, que ella deixou cahir quando desmai-
ou. Será a unica cadeia que me unirá a este
passado de tantos sonhos e tão terrivel realida-
de! (Vai a buscar o lenço e deixa a carteira no
mesmo lugar.) Fica esta carteira para que aquel-
la mulher só encontre em mim o defeito de des-
cender de duas raças! *(Sai.)*

CAHE O PANNO.

ACTO I.

SALA EM CASA DE FERNANDO. — DESALINHO PRÓPRIO DA CASA DE UM RAFAZ SOLTEIRO. — A UM DOS LADOS, ESTANTE PEJADA DE LIVROS DE DIVERSOS FORMATOS, EM DESORDEM. NAS PAREDES, PAJINKIS REPRESENTANDO ASSUMPTOS HISTÓRICOS E ALGUNS RE-TRATOS. UMA GRANDE ESCREVANINHA (BUREAU MI-NISTRE), COM MANUSCRITOS SOBRE ELA, E ALGUMAS GARRAFAS DE DIVERSOS LICORES.

SCENA I.

FERNANDO (só).

Mostra grande mudança. Seu semblante tomou uma expressão de ironia feroz. Está deitado no canapé em atitude meditativa.

Que mudança tamanha se operou em meu destino! Sinto-me outro! Outr'ora era bom, caritativo, morigerado, trabalhador, estudioso;

e hoje sinto-me ás vezes tão máo que até tenho vontade de maltratar os indigentes quando me podem esmola! Odiava o vicio, e já tenho por mais de uma vez voltado embriagado para esta casa! Não pego mais em meus livros, nem em meus lapis e pinceis! O meu maior divertimento são os bordéis, o vicio e a ociosidade!... (*Levantia-se, passeia em silencio, depois exclama;* Tudo por causa de uma mulher!... E como amoja, meu Deus! e por causa della como respeitava a todas as outras!... Que differença! Hoje encaro a mulher como um ente inferior ao homem, escravo da materia, indigno de sentimentos e idéas elevadas; encaro a mulher como um Potentado Asiatico, como Epicuro! Hoje não recuo diante da seducção, quando diviso atravez della a vingança! Hoje sei afivelar uma mascara, sei esquecer-me de uma injuria, baixando-me a fazer a cõrte aquella que tanto me insultou. Hoje caminho para a infamia!... E nesse tempo eu era um cavalheiro! A mulher para mim era uma divindade!... (*Passava vagarosamente — Ouve-se o rumor de um carro que para.*)

SCENA II.

(O MESMO ELEONORA E LUCIANO.

ELEONORA.

(*Entra cantando no tom do Barbeiro de Sevilla*)
Bon giorno, Ferdinando.

FERNANDO.

(*O mesmo, recebendo os*) Bon giorno, Eleonora. (*Fallando.*) Bem apparecidos. Como estás, minha bella, e tu, Luciano? (*Dão-se as mãos.*)

ELEONORA.

Zangada contigo, ingrato! Como não tens querido ir á minha casa, vim eu visitar-te.

LUCIANO.

Não fazes idéa. Fernando, como nossa idolatrada cantora adora-te. Fui apresentar-lho meus respeitos e adorações, hoje de manhã, e ella só tinha uma phrase: —Como está Fernando? Tem-lhe visto? Vai á sua casa? —O que me era muito agradável, como deves imaginar, fazia a côrte á uma mulher que só fallava em meu rival!

FERNANDO.

(*Beijando o mão de Eleonora*) Isso é verdade?

ELEONORA.

Duyidos, caro mio?

FERNANDO.

(*O mesmo como acima.*) E's um anjo!

LUCIANO.

De que phetang: ?

FERNANDO.

A pergunta é quasi ociosa.

LUCIANO.

Como não é de todo fica a interpellação em todo a inteireza.

FERNANDO.

Como queres... Não é dos réos que se conservaram fieis a Jehovah, porque as chammas da volupia crestaram, um pouco, as niveas azas; Eleonora cahiu, mas como um desses bellos meteoros das limpidas noites de verão, na sua queda rolou em um estroio luminoso, que segue ainda seus passos, o que faz que, junto della, não se esteja nas trevas. Eleonora não é mais que um miço arrufado com seus divos companheiros...

ELEONORA.

Ouve's, Luciano? Não vale a pena vir-se em procura de um homem destes? Fiz mal em ter baixado de meu throno de rainha para vir ao encontro de um vassallo rebelde ouvir tão delicado galanteio?

LUCIANO.

De certo; ainda que não fosse necessario para isso Cleopatra buscar Antonio em seus proprios paços encontraria milhares de adoradores.

ELEONORA.

E que vós outros não comprehendéis que as Cleopatras preferem ser escravas dos Romanos a serem senhoras dos Ptolomeus (outro tom). O que fazias quando entramos?

FERNANDO.

Passava, meditando em uns versos do nosso Byron—*Alcares de Azcedo*.

ELEONORA.

Aquelle genio que morreu ha pouco?

FERNANDO.

Sim; mas os Azevedos não morrem.

LUCIANO.

(Impaciente.) Quaes?

FERNANDO.

Estes *(Recita)*:

Escarneo para essas muitas virgens
Como flores—romanticas e bellas—
Mas que no seio o coração tem arido
Insensivel e estúpido como ellas!

SCENA III.

OS MESMOS E D. JUAN.

ELEONORA.

Bellos versos, na verdade. Em quem pensas
quando os recitas?

JUAN.

Não é sem duvida na senhora, apesar de ter
o coração bem arido.

LUCIANO.

Protesto! O peito de Eleonora é ardente e fe-
cundo... quando faz a Adalgiza, ou nas mezas
dos hotéis!

JUAN.

Quer dizer que sua aridez se termina sob o orvalho das impressões alheias ou das orgias.

FERNANDO.

Don Juan, a mulher mesmo caída merece respeito, Eleonora é mais digna que

JUAN.

(*Interrompe-o.*) Fernando, diante de mim nunca insultarás Isbella! A mulher que sabe comprehender sua missão, é um anjo e as blasphemias contra essas creaturas offendem de perto a divindade. Comparal-a com esta senhora é o mesmo que dizer que Jane Grey, a formosa, que se sentou no throno de Henrique VIII, era igual a Maria, a quem os Inglezes chamão a *Bloody*. (*)

FERNANDO.

Somos suspeitos ambos: tu defendes um anjo, só lhe viste as azas; eu me queixo porque senti no coração as agudas dores operadas por sua . . . *angelica* perfidia.

JUAN.

Queixa-te dos algozes, não da victima.

ELEONORA.

(*A' Luciano.*) Quem é essa Isbella?

(*) *Bloody*, significa cruel & e pronuncia-se blúde.

LUCIANO.

Uma pallidasinha a quem Fernando namorou, e foi-lhe negada por elle ser mulato. . . .

ELEONORA.

E essa mulher. . . .

LUCIANO.

Um favor que fizeram-lhe; ella é filha de um empregado aposentado, levava de dote. . . a mãe, logo que ficasse viuva ! Que fortuna, eim ! Pois Fernando ainda chora tel-a perdido ! . . . Poteta!

ELEONORA.

E ella ?

LUCIANO.

Oh ! sentio muito ! Correu cheia de pranto aos braços de um ricoço. . . fu o conheces, o Comendador Manoel da Motta ! Sofre tanto que não ha baile nem espectáculo a que não vá. . . pobre meca !

ELEONORA.

Manoel da Motta ! . . . Conheço-o muito. Fernando, queres te vingar como um homem deve vingar-se nestes casos ?

JUAN.

Eleonora, até hoje eu a tinha por uma leviana mas por uma mulher de bom coração, quer que lhe tenha em outra conta ?

ELEONORA.

Não há lama que atirada sobre mim me tise mais do que estou. A traição a mais infame me derribou, nunca me queixei, nunca pedi ao mundo consolações. Procurei com uma prenda que tinha ganhar o pão; fiz-me cantora do theatro de S. Carlos em Napoles, de lá ainda a baixeza dos homens me foi enxotar; depois vim para esta cidade onde procurei fazer desaparecer a má nota que injustamente me tinham imposto, mas debalde. Em guerra com a sociedade busco divertimentos e affeições onde me apraz. Por terra como estou, perdidada como sou, conservo uma qualidade, não sei se boa; sei ser amiga devotada: sou capaz de sacrificios para aprazer a quem estimo. Fernando por suas qualidades, por sua delicadeza angariou minha verdadeira estima -- elle sofre, hei de vingal' o!...

JUAN.

Os soffrimentos de Fernando não podem ser comprehendidos pela Senhora: si Fernando pudesse ser vingado, há muito que o estaria, elle sabe que tem amigos capazes de tudo por elle... de tudo quanto um cavalheiro pôde praticar.

FERNANDO.

[Dando as mãos a ambos]. Obrigado, D. Juan, obrigado boa e meiga Eleonora. Resolvi e hei de vingar-me só, sem intermedio ou concurso de ninguém, se não puder assim erusarei os braços...

LUCIANO.

Como o heroe da estatua de Vendome no cu-

me do pedestal da Santa Helena. (*Ironico*) Sê prudente, olha o remorso. . . A vingança não é para os piegas!

FERNANDO.

Hoje deixei de ser. (*Tomando uma resolução.*) Ou esperem ou voltem logo para jantar comigo. Esta conversação deu-me capricho de festejar a morte de Fernando, o piegas, e o nascimento de Fernando *comme il faut*.

ELEONORA.

Bella idéa.—Peço-te licença para trazer um convidado.

FERNANDO.

Quantos queiras; tambem tu Luciano, com tanto que sejam moças e rapazes alegres, que não se assustem diante de um copo de *cognac*. Juan fica fazendo as honras da casa que eu preciso sahír.

ELEONORA.

Vou contigo. Até logo. (*Sube com Fernando*)

SCENA IV.

JUAN E LUCIANO.

JUAN:

Lastimo de coração ver a rapida perdição em que vae esse rapaz. Parece incrível como uma futilidade possa ter tamanho imperio sobre a vida de um homem.

LUCIANO.

É verdade. Espirito fraco succumbio diante do mais pequeno obstaculo que se lhe antepoz. Embriaga-se como um Lord Irlandez, elle que antigamente fazia caretas ao mais fraco licor. (Ri-se.)

JUAN.

Abandonou o trabalho. Ha tres mezes que só anda nessa vida de dissipação em que o vemos!.. Coitado, tão bello rapaz perder-se será grande pena.

↓
três
mezes
↑

LUCIANO.

Eu no lugar delle procurava vingar-me, fazer mal a meus inimigos, sem fazel-o a mim.

JUAN.

Como se pôde fazer mal incolume? Porque a justiça ignora o crime ou porque é impotente por ser elle do genero desses de que os codigos não tratão, fica-se *ipso facto* impune? E a Providencia? e o remorso?...

LUCIANO.

O Doutor é do tempo do remorso? Perdoe-me, suppunha que fallava com um espirito forte, vejo que trato com um.....

JUAN.

Homem que não mente nem á sua consciencia. Com que V. S. é um espirito-forte!... Então permitta que o saúde com todo o respeito

devido. (*Curea-se ironico.*) Diz bem, não nos podemos entender; um homem de bem não póde argumentar com um simples espirito.

LUCIANO.

Não é o mais delicado o gracejo. (*Outro tom.*) Prefiro passar aos olhos do vulgo por impio do que por carola.... E não sou eu só quem pensa assim...

JUAN.

Bem sei que a maioria dos jovens deste paiz são irreligiosos por systema, scepticos por moda, blasfemos por familiaridade !...Elles não são culpados. Culpados são os máos padres sem crencas e costumes, que continuão impunes no sacerdotio; são os paes que não respeitão as pobres creaturinhas que por erro-lhe devem o ser para: diante d'elles, fizerem taboleta de sua estúpida irreligião; são os mestres que querem ter jús ao honroso titulo de espirito-forte; somos nós outros, nós todos que não podendo comprehender as mais comensuhas regras da physica, queremos julgar *ex-cathedra* das sublimidades metaphysicas da religião !... Perdoe-me, fico irritado quando ouço dislates como os de á pouco.

LUCIANO.

(*Formalisando-se.*) O Sr. abusa !...Vae alem do que ordena a polidez...

JUAN.

Enganou-se; foi o Sr. quem esqueceu-se de quem diz o que quer ouve o que não quer. Quiz

manejar uma arma de dous gumes, cortou-se; não tenho a culpa.

LUCIANO.

Sempre é Hespanhol !... Sempre é patricio de D. Quixoté !

JUAN.

(*Energico.*) O que quer dizer com Isso, Senhor ? O que tem ser Hespanhol, Inglez ou Rusiano ? Que miseria ! depois si eu vir-me ha de queixar-se... Será porque este paiz é muito novo para os homens fazerem altas questões das nacionalidades, dos teres, e das raças?... Feliz o homem que só tem para ser-lhe lançado em rosto esses crimes !... O que tem ser Hespanhol ? A patria de Cervantes, Fernand del Pulgar e outros, deshonrará seus filhos ? E o Sr. que é descendente dos Portuguezes ignora que por esse facto tambem é da raça Iberica, e que lançando o sarcasmo sobre a patria de seus antepassados tambem delle receberá boa... grande porção ? Não se ostente tão tolo ! Lembre-se sempre que faz triste figura o homem que appella para accidentes.

LUCIANO.

(*Aparte.*) O diabo é mais energico do que parece. Desapontou-me. (*Alto.*) Sinto não vir prevenido, senão lhe teria pago a lição; farei em outra occasião.

JUAN.

(*Fita-o, dá um passo para elle e depois sere-*

uu. | A religião que sigo de coração ordena-me que ensine os ignorantes e que castigue os que errão, pelo amor de Deus. Já fiz o primeiro desses mandados quer que igualmente obedeça o segundo?

SCENA V.

OS MESMOS LUIZA E MANOEL DA MOTTA

LUIZA.

São horas do jantar? (*Entrando.*)

LUCIANO.

(*Aparte*) Vierão a tempo. O diabo do Hespanhol é muito atrevido.

MOTTA.

E' aqui a casa? (*á Luiza*)

LUIZA.

Que é do Amphitrião? (*Luciano conversa com Luiza.*)

JUAN.

Oh! Sr. Motta, por aqui?

MOTTA.

E' verdade. E' necessario que a mocidade se divirta. Esta pequena faz de mim o que quer!.. Então por onde tem andado, por que não tem apparecido? O Sr. é que é o dono da casa?

JUAN.

Nada, Aqui mora meu amigo Fernando Tupacimunga.

MOTTA.

(Indifferente) Ah !... E' verdade como vae elle? Fugio de lá, nunca mais quiz ir visitar-nos...

JUAN.

V. S. faz-nos essa pergunta ?

MOTTA.

Asneiras ! Porque uma senhora em um dia de máo humor diz uma tollice, deve-se dar palha ? Nunca pensei que podessem dar tamanha importancia á mulher. Minha sogra, veja se o que eu digo é ou não verdade; minha sogra agora não falla senão em Fernando: se fosse mais moça diria que estava apaixonada por elle.

JUAN.

Eu sei que a mulher é na maxima parte inconsequente, mas porque o é não devemos-lhe menos obediencia á suas ordens, *maximé* quando ellas são á respeito de objectos de sua propriedade. A Sra. D. Dorothea expulsou-nos de sua casa, por mais absurda que fosse tal ordem devemos tel-a sempre em vista.

MOTTA.

Perdoe-me; ella correu somente com Fernando.

JUAN.

Fernando é meu amigo; essa ordem foi dada á minha vista.

MOTTA.

Pois eu entendo tudo pelo contrario; se fosse o seu amigo, no dia seguinte lá iria com um presente e minha sogra havia de receber-me com a maior alegria. Sabe porque ella gostava tanto de mim? Porque procurei ganhar-lhe a affeição com dadi-vas.

JUAN.

(Rindo-se contrafeito) V. S. comprehendeu melhor a Sra. D. Dorothéa. . . Se algum dia tiver necessidade de tratar com ella hei de lembrar-me do conselho.

MOTTA.

Use e depois me dirá se não é bom. Isbella é que não sahio á mãe, é uma lesma. Vai aos bailes e outros divertimentos á força de meus pedidos. Tola! . . . Um dia, no baile do Commendador Linhoso, encontrou-se com Fernando, e ficou de tal maneira que, em quanto não a levei para casa, não fiquei satisfeita. Veja que gente! Porque Fernando gostava della tomou-lhe tal odio! . . .

JUAN.

(Aparte) Imbecil.

MOTTA.

Combati-lhe a tolcima debalde; até ficou quatro dias sem me fallar. Por fim prometti-lhe que havia de levar Fernando á minha casa, e hei de levá-lo.

(Chorem-se garquinhadas e passos)

SCENA VI.

OS MESMOS E FERNANDO, RERONORA, UM MOÇO E
DUAS DAMAS.

FERNANDO.

(Vae a dirijir-se á Motta para estatico.)

MOTTA.

Como não tem querido ir á nossa casa vim eu,
na esperança de que não deixará minha visita
sem pagamento.

LUIZA.

Fernandinho, se não conhece, apresento-lhe o
Sr. Manoel da Motta. E' casado, mas é um verda-
deiro patusco.

Dividem-se em grupos.

MOTTA.

Não fazia idéa que o Sr. Tupacinunga fosse
um *patudejo* como é.

LUCIANO.

E' para ver: os rapazes da actualidade são to-
dos *bons vivants*.

FERNANDO.

(Ironico.) Tenho muito gosto em receber uma
pessoa apresentada por tão digna dama. O Sr.
Commendador será aqui sempre bem vindo.

MOTTA.

Obrigado. Apareça lá em casa quando quiser; moro na mesma rua.

LUCIANO.

Este Commendador é um homem de grande peso... nas algibeiras.

MOTTA.

É para ver. Mas o que se faz com este calor? Venha cerveja. E dê-me licença. *(Tira a casaca, ficando de colete.)*

ELBONORA.

Que familiaridade!

FERNANDO.

'Tragão cerveja. *(Entra um criado que traz garrafas, abre-as e enche copos.)*

MOTTA.

Dá cá um.

FERNANDO.

Quero propor um brinde. Toma um copo Juan.

JUAN.

Em quanto não souber.... *(á Fernando)* Prudencia.

FERNANDO.

Saúdo a mulher que não se occulta sob as roupagens da virtude para calcar á salvo os thuriferarios que lhe desagradarão; saúdo a mu-

lher, que, *amando* grande numero de *chichisbeos* não se finge fiel e pura como Lucrecia, a suicida; saúdo a mulher franca e sem nenhum preconceito; saúdo, finalmente, nossa bella Eleonora.

JUAN.

(*Bejorna o copo.*) Não bebo.

MOTTA.

(*Admirado.*) Porque ? (*Ri-se.*) Este Doutor !... (*Outro tom.*) Quanto a mim acompaño-lhe propondo-lhe que cante algama coisa.

ELEONORA.

Obrigada, caro mio.

LECIANO.

Muito bem, meu amigo ; nada de *hypoerisia*. Canta, improvisa alguma coisa.

FERNANDO.

Chega, minha Malibran, e oução. Copo em punho.

MOTTA.

Ligeiro, em quanto a cerveja não esfria.

FERNANDO. (*Recita.*)

Que importa que sejas inimiga da honra,
Que tenhas tú'alma no lodo envolvida,

Que estêjas, ha muito, no calos da deshonra,
Que sejas, de todo, mulher, perversa?

Se o pranto do bardo,
Bondosa enxugaste,
E junto a teu seio
Ferna o acalentaste?

Que importa que o mundo baldões te despeça,
De vil te appellido, te chame perdida;
Porque, pobre espulso, ganhaste a pressa
O pégo da infamia logo sem sabida?

Se o pranto do bardo,
etc. etc. etc.

Que importa que o mundo, tragasse outro mundo,
P'ra tí, minha miiga e gentil Magdalena;
E lá nesse inferno, tão negro e tão fundo,
Ficasses camelia, tu linda assusena?

Se o pranto do bardo,
etc. etc. etc.

Que importa que as virgens tenham teu contacto
Qual candido arminho, o contacto do lodo;
Se a virgem mais bella, caleou lindo cacto,
Que n'alma nascera—com fero denodo?

Se o pranto do bardo,
etc. etc. etc.

Que importa que vendas, mulher, teus carinhos,
Se nelles comprados, encontrei ventura,
Se nelles quebrarão-se agulhos espinhos
Que n'alma imprimião-me ntroz amargura?....

A' força de núnos
Secaste meu pranto,
Permite que grato,
Te offerio este canto.

MOTTA.

Bravo!... Está sublime! Hade dar-me uma
cópia para eu recitar em todas as reuniões onde
estiver.

FERNANDO.

Então, Padilla, não gostaste de meus impro-
visos?

JUAN.

Não assisto cotytias.

FERNANDO.

Esta pedes assistir, não ha Phallophoros.

MOTTA.

Fallem lingua de gente; deixem-se de france-
zismos.

ELEONORA.

Este commendador parece-me que foi discipu-
lo de Frei Gil do Antonio José.

MOTTA.

Enganou-se, nunca aprendi em conventos.

LUCIANO.

Querem ver que isso é da roga.

ELEONORA.

Pode ser. *(Risadas.)*

LUIZA.

Peor! Basta de galhofas! O Comendador está abaixo de minha protecção.

LUCIANO.

Oh! Excellente patrona tem elle.

MOTTA.

Patrona, alto lá; dessa pecha defendo-a.

ELEONORA.

E' verdade, que paradoxo! Se ainda elle discesse um obuz!... *(Riso.)*

LUIZA.

Tambem, Sra. prima dona de martello *(Riso, batem.)*

Voz.

Correio urbano. Ha uma carta para o Sr. Fernando Tupacimunga. Mora aqui?

JUAN.

E' a estafeta.

FERNANDO.

(*Sahe um instante.*) Dê-me. (*Volta lendo uma carta — signal de sobresalto.*)

Voz (*dentro*)

O jantar está na mesa.

Todos (*menor Juan.*)

Assaltemos as baterias culinárias do grande Raphaél. A mesa (*Retiram.*)

SCENA VII.

JUAN. (*só*)

(*Depois de todos entrarem.*) Que caracter de homem! Não tem pejo de vir diante de um rival pôr á mostra as ulceras que cobrem o laço tenue que o prende á familia. Não prevê este homem que pôde dar uma arma contra seu proprio socorro e dignidade! Que miséria!... E por um homem destes fez-se a desgraça do meu unjo como Isabel, myrrhou-se o futuro do pobre Fernando, que dia á dia se despenha no Malstrom do vicio! Tudo porque é rico!... Que miséria, meu Deus!... Caminhando assim breve avaliarão, como na Persia, o merito da mulher pela riqueza do marido; breve veremos á resurreição das vendas das bulhas não abrindo as portas do céo, mas as da nobreza ao bandido que mais der. Depois... Necessariamente virá um novo Luthero, mais feliz, sem duvida, que o primeiro, porque não se atará á heresia.

SCENA VIII.

O MESMO E FERNANDO.

FERNANDO.

(*Assustado.*) Quem chegou ? Ah ! ninguém.
Suppoz ter ouvido parar um carro.

JUAN.

Esperas alguma ?

FERNANDO.

(*Hesitando.*) Espero. Queira Deus que não
venha. Estas visitas....

JUAN.

Quem as chamou ?

FERNANDO.

Bá; porque ignorava que viria a pessoa es-
perada.

JUAN.

Quem esperas ?

FERNANDO.

Alguem... Uma aventura amorosa.

JUAN.

(*Ironico.*) Deves ser discreto ! Não podemos
o lino que tem de trazer effluvios de pureza neste
templo tão sagrado !

FERNANDO.

Para que tanta ironia ? Vou dizer tudo.

JUAN.

Não : para que ?

FERNANDO.

Reprender-me-has ?

JUAN.

Tens medo de meus raios ?

FERNANDO.

Eu reconheço que tu és meu amigo. (*Atrai-se commovido dos braços de Juan.*) Juan ! Sou muito desgraçado !

(*Pausa—Commoção geral.*)

JUAN.

(*Consolador.*) Sê forte, sê homem. O soffrimento compartilhado é menos difficil de suportar ; somos tres.

FERNANDO.

Tres ?

JUAN.

Tu, ella e eu !

FERNANDO.

Tens razão ! Estava illudido, hoje que reconheço que ella é infeliz... Ouve.

JUAN.

Ferremos as portas do interior. (*Faz o que diz.*)

FERNANDO.

(*Sentão-se.*) Juan, depois do golpe que ha-
tes mezas recebi e que tu tão nobremente me
ajudaste a chorar, formei mil projectos de vingança,
projectos que sempre cahião diante de
teus conselhos, porque tu sempre me dizias :
Vinga-te, o homem que não vinga a affronta não
reconhece o beneficio ; mas vinga-te como ha-
mem illustrado e não como os adoradores da
deusa Kali, ou como um desprezível Beduíno.
Procura elevar-te tanto que teus inimigos te en-
carem cheios de assombro e arrependimento.

JUAN.

É a unica vingança, que não deixa remorsos,
é a unica digna de um christão.

FERNANDO.

Quiz obedecer-te, mas não me achei com for-
ças—não podendo fazer mal aos outros fiz a mim:
busquei no vicio um narcotico para minhas dor-
res. Desde então remi em torno de minha gente
como essa que está lá dentro; amontoei minha
escrevaninha de bebidas alcoholicas; rãra tem si-
do a noite que não tenha adormecido ebrio como
um antigo watchman.

JUAN.

O que muito tenho sentido.

FERNANDO.

Não é tudo. Ha vinte dias o Barão de **, quasi tão meu amigo como tu, fez annos e obrigou-me a jantar em sua casa, onde á noite deu um baile. Lá se achava Dorothea. Como era de meu dever fingi não vel-a, e ella, resentida de meu possível procedimento, taes cousas fez que, se dansei, foi preciso que a Baroneza, a mulher do General Simas e Miss Baintiness generosamente conspirassem e me dissessem:—Cada uma de nós tem uma quadrilha para o Senhor.

JUAN.

E nada me disseste!

FERNANDO.

De proposito. Tinha jurado vindieta. Erão mulheres, pretendi aproveitar-me da fragilidade de seu sexo. Tres me recusarão desdenhosamente e de todas... vinguei-me.

JUAN.

Oh!... Isso é vil!...

FERNANDO.

O que queres? O odio e a vergonha me aconselharão! Fallava Dorothea, a mais encarnigada inimiga que tenho tido, della queria uma vingança mais estrondosa; souhei com o escandalo. Tanto fiz que ella escreveu-me que virá d'aqui ha pouco.

JUAN.

E possível!

FERNANDO.

Lê. É a carta que o estafeta me trouxe. (*Dilhe.*)

JUAN.

(*Depois de lêr.*) Bem digo eu, venha um Gregorio de Mattos para pôr a calva deste seculo á mostra. ←

FERNANDO.

Era uma baixeza, e essa baixeza commetteria si esse miseravel Commendador não viesse aqui. Hoje prevejo que Isbella é infeliz com o marido, não fa quero matar mostrando-lhe quanto vale tambem sua criminosa mãe.

JUAN.

(*Abraça-o.*) Fazes bem!... Aiúda és o mesmo homem! Graças á Deus achei meu amigo!... (*Batem.*)

FERNANDO.

Ei-la. Entretem os convivas, serci breve.

JUAN.

Sim; lembra-te de Isbella. (*Sahe e entra Dorothea emburuda em longo burrões, descendo do chapeo um véo que lhe cobre o rosto.*)

SCENA IX.

DOROTHEA E FERNANDO.

DOROTHEA.

Está só?

FERNANDO.

(*Aparte.*) Como tremo. (*Alto.*) Entre...

DOROTHEA.

Fernando, veja a que pôde obrigar o amor que lhe tenho! Em um momento esqueci-me de uma vida inteira de virtudes! Ha vinte annos que sou casada, e só por sua causa...

FERNANDO.

Reconheço. (*Contul-a ao deito.*)

DOROTHEA.

Não sei o que é isso!... Nunca amei assim! É uma fatalidade!

FERNANDO.

(*Aparte.*) Como a despedirei...

DOROTHEA.

É elle tão ingrato, meu Deus! Nem me abraçou ainda.... Teme alguma surpresa? Deixei em baixo Pulcheria; ella nos avisaria.... Então, é assim que recebe uma senhora, Fernando. (*toma-lhe a mão.*) Como tremo! Prazer ou medo?... Oh um homem medroso é nauseabundo!... Mas fallo, por S. Pedro.

FERNANDO.

O que lhe hei de dizer?

DOROTHEA.

Que me adora, que só a mim adorava e não á

Isbella, que me acha seductural.. Tudo quanto me disse no theatro de S. Pedro, pelo Carnaval.

FERNANDO.

Sim.... mas....

DOROTHÉA.

Repita isso, meu bello mancebo, que não me fartarei de exelamar: — Amo-te perdidamente! Amo-te como Helena ao gentil Paris!.. Amo-te...

SCENA X

OS MESMOS E PULCHERIA.

PULCHERIA.

(Apressada.) Senhô, ahí vem Senhô ... Quasi me avistou...

Vozes (dentro.)

Hurrah!... Venha o Anfitrião! Vamos buscá-lo!

DOROTHÉA.

(Susto) Estou perdida!

PULCHERIA.

Elle olhava muito para os numeros das casas, quando vio o desta exclamou: —E' alli; numero 68, não pôde ser senão alli. Dirigia-se para aqui quando eu corri... Onde me esconherei?

(*Quec-se tropel e ao mesmo tempo rumor no interior.*)

FERNANDO.

Parece uma trama horrível.

LEOPOLDO (*dentro*).

Dão licença?

DOROTHÉA E PULCHERIA.

(*Assustadas.*) Esconda-me, esconda-me.

MOTTA (*dentro*).

Olá, fechou a porta. Arrombemos! (*Batem fortemente.*)

VOZES.

Abre, Fernando.

DOROTHÉA.

Meu Deus!... Eu morro!... Esconda-me. (*Corre a scena desairada.*)

FERNANDO.

(*Leva Dorothéa e Pulcheria para um gabinete.*)
Entrem e soceguem. Garanto-lhes que não serão vistas.

(*Esta scena deve ser muito rapida.*)

SCENA XI.

FERNANDO, LUCIANO, MOTTA, JUAN, LUIZA, ELEONORA, LEOPOLDO E CONVIDADOS.

LEOPOLDO.

(*Entra da rua, os outros do interior. Luiza vem com as faces asfogueadas, cabellos em desordem; Motta ebrio; os mais, excepto Juan, muito animados, e com copos com vinho*)

MOTTA.

Então, Fernando, deixaste-nos no melhor da festa. Não quizeste ouvir Eleonora cantar a canção de D. Cezar de Bazan?

LEOPOLDO.

(*Espanto geral*) Perdão meus Srs. uma carta anonyma chamou-me á esta casa. ... Já vi demais.

MOTTA.

Olá! meu sogro! Também é freguez dos pagodes, eim. Quem trouxe?

LEOPOLDO.

Como calho este miseravel! Retiro-me, Srs. quem quer que mandou avisar-me e á minha filha, fez-me grande serviço. Sabia que Isbella era infeliz, mas não que fosse tanto.

MOTTA.

Ah! anda espiando-me? Vem cá, Lulú. (*Abraça Luiza.*) Diga á lambisgoia de minha mulher que me encontrou ao lado de uma moça de cruz.

FERNANDO.

Não attenda-o. Sr. Nobrega, elle não sabe o que faz.

JUAN.

Alli é a materia que predomina. Sabiamos.

LEOPOLDO.

Agradeço-lhes a attenção, mas...

MOTTA.

Qual mas nem meio mas.... Meus Srs. á saude de minha mulher ; Hip ! hip ! hip !

LUIZA.

Hurrah ! É de virar.

MOTTA.

Apoiado. (*Vae a beber mas é obestado por Juan, que toma-lhe o copo e o atira ao chão.*)

JUAN.

Miseravel !...

MOTTA.

Como é tão farto, o diabo do Hespanhol...

FERNANDO.

(*A Leopoldo.*) Não se demore; a embriaguez augmentando poderá causar novos desatinos.

JUAN.

Guarde todo segredo.

LEOPOLDO.

Sim, de certo; ao menos que minha filha igno-

re mais isto do digno marido que sua mãe lhe deu. (*Saihe apressadamente. Dorothea no gabinete dá um grito e ouve-se o baque de sua queda.*)

SCENA XII.

MENOS LEOPOLDO.

MOTTA.

Aquelle quarto tem gente. Vamos ver ; talvez seja alguma pequena. (*Dirige-se ao gabinete.*)

FERNANDO.

(*Rapidamente abre a escrinhezinha, tira um revolver e ualepõe-se a porta.*) Retire-se.

MOTTA.

Qual retire-se. Hei de ver. (*Espreita.*) Vejo roupageim branco! É mulher! É mulher !...

ELEONORA.

Uma mulher?

LUIZA.

Vejamos. (*Da um passo a frente.*)

FERNANDO.

(*Engatilha o revolver.*) O primeiro que avançar, juro, cessará de existir.

(*Affastão-se assustados.*)

DESCE O PAINHO.

ACTO II.

A MESMA SCENA DO PRIMEIRO ACTO: SALA POUCO ILUMINADA. ISBELLA ESTÁ SENTADA TRISTE, TENDO UM LIVRO NA MÃO PARA O QUAL OLHA DISTRAHIDA: LIMPA OS OLHOS DE ESPAÇO Á ESPAÇO.

SCENA. I.

ISBELLA *(so)*.

Que solidão tamanha, meu Deus, em que se tornou minha vida! Foi para ser assim feliz que minha mãe me preferio este marido? Sou rica, tenho carros ás minhas ordens, criados promptos á obedecerem meu menor desejo, sedas, vellidos, joias de custo, ordem franca ao Vallais para aviar-me qualquer encommenda; os mais singelos de meus vestidos são feitos por modistas; não se publica uma obra, não sae á luz uma peça musical que, si eu quizer, não possua

rica e
infeliz

um exemplar, e no entanto sou uma infeliz !... É que não sou dessas mulheres que se julgão nascidas para figurino, para a mostra da riqueza dos maridos ! Nasci para ser esposa casta, amante de meu marido, zelosa de minha casa e não para dama da corte celebre de Francisco I ! Nasci para ter um esposo, que me presasse, que me reservasse só para si, que me furtasse o mais possível aos olhos do publico, e não para ser mulher de um homem que se pudesse mandaria e edificar uma casa transparente para, á toda hora, o mundo inteiro ver que não ha uma moda que logo eu não use ; que não ha jóia por mais cara, que eu não possa possuir, que, enfim, elle é casado com uma mulher bonita !... Ah ! Fernando, Fernando !... Se eu fosse tua mulher não seria tão adulada, porque não poderia receber diariamente tantos papa-jantares, mas seria feliz !... Seria feliz porque esta libertinagem á que te entregaste não é mais do que a estrada por onde buscas o Lethes para tua dor !... (*Cae em melitação.*)

SCENA. II.

ISBELLA E LEOPOLDO.

LEOPOLDO.

(*Entrando.*) Minha filha tua mãe já voltou ?

ISBELLA.

Não, papae ? É verdade, nem me lembrava que ella desde as tres horas sahio para fazer

umas compras em casa de M^{me}. Grimaldi. Ia com tanta pressa que nem quiz ir no carro da casa; mandou chamar um no Rocio. Que horas são, papae?

LEOPOLDO.

[*Vê o relógio.*] Nove e meia !... Está me causando enxada ! Entrei ha duas horas, procurei por ella, disserão-me as mucamas que tinha sahido; tornei a sahir, entrei ha pouco, procurei-a de novo, fui até o terceiro andar, debalde. Só então me lembrei de perguntar-te.

ISBELLA.

[*Lerantando-se.*] Quem sabe se lhe não aconteceria alguma cousa !... Meu Deus se ella adoeceu !...

LEOPOLDO.

Penso que se ella houvesse adoecido em alguma casa nos mandaria dizer pela Pulcheria. Mas esta tardança !...

ISBELLA.

Meu Deus ! Inda mais isto. [*Chora.*] O que aconteceria á minha mãe !... Meu pae, vá vel-a !... Mas onde, meu Deus ? Póde, indo, desencontrar-se della !... [*Leopoldo toma o chapéo e quer sahir*] Oh ! não vá, eu mando os escravos. cada um para seu lado !

LEOPOLDO.

Boa lembrança !... [*Indo á porta interior.*]
Aqui todos !...

VOZES (*dentro*).

Sim, Senhor.

SCENA III.

OS DITOS E ESCRAVOS DE AMBOS OS SEXOS.

LEOPOLDO.

Preparem-se...

ISBELLA.

(*Interrompendo-o baixo.*) Perdoe, papae; não acha que é melhor esperar mais, antes de mandarmos os escravos? Agora pensei; minha lembrança não é boa. Os negros irão perguntando a todo o mundo e d'ahi lá porco toda a cidade saberia que minha mãe demorou-se.

LEOPOLDO.

E o que tem que saibao? Alguem é capaz de caluniar uma senhora de mais de quarenta annos, e de um passado tão honesto?...

ISBELLA.

Ninguém mais do que eu sabe quão virtuosa é minha mãe; mas... Esperemos mais algum tempo... Ou, se achar melhor, vá mesmo o papá.

LEOPOLDO.

Tens razão. (*Aos escravos.*) Retirem-se até já.

(*Sahida falsa.*) Teu marido já voltou ?

ISBELLA.

Não, papae, desde manhã. E' verdade, foi a tal casa indicada na carta anonyma ?

LEOPOLDO.

Não tinha eu mais que fazer !...

ISBELLA.

Como teimava em ir, quando eu lhe dizia que não se deve dar importancia a taes papéis.... pensei que tivesse ido.

LEOPOLDO.

(*Disforça e sac*) Bom, até logo.

SCENA IV.

ISBELLA (*sò*).

Está me causando serios receios a demora de minha mãe !... Oh! vou aos pés da Virgem implorar seu auxilio! (*chama*) Brizida! Brizida!
(*Vae sahindo por uma porta, quando Brizida apparece por outra*).

SCENA V.

BRIGIDA E DEPOIS MOTTA.

BRIGIDA.

(*Mulata mucama, calçada e acciada*) Minha Senhora! Nhandã me chamou?... Vejão só, ia jurar que me tinham chamado e a sala está vazia. São tantas trapalhadas que fazem a gente ficar com o juízo no ar!... Oh! gentes! Senhora na rua até agora!... Se é verdade o que a mãe Ignacia diz! Não é possível, depois de velha e com quem? com o *Seu Fernando*!... Ella que não tem na bocca senão mulato e negro!... Por um lado é bem feito, é para pagar a lingua!... Ah! não servia para marido de Nhandã e serve p'ra... Todos os parceiros lá estão cacoando, dizendo que a Pulcheria contou que há muito tempo que a Senhora anda de namoros com *Seu Fernando*!... Quando a gente pilha uma escapula e vai á janella—é esta, é aquella, e, no entanto... (*Entra Motta, vem pé ante pé e beija Brigida nos faces.*) Meu Deus quem é?!

MOTTA.

Sou eu, meu amorsinho, assustaste-te?

BRIGIDA.

Ah! Nhouhô, se Nhandã visse havia de me accusar... Oh! isto não é bonito, depois quem paga sou eu!

MOTTA.

Deixa de toleima. O que é que te farião ? Tens medo? Prometto que ninguem hade saber !...

BRIGIDA.

Vme. alem de meu Senhor, é casado...

MOTTA.

Deixa-te de asneiras !... Qual Senhor ? nem meio Senhor ! E o que tem que eu seja teu Senhor ? Porventura todos não são como eu ?

BRIGIDA.

Não diga isso, Nhonhô, perdoe meu atrevimento: nem todos os Senhores são como Vme., nem todas as escravas como Pulcheria...

MOTTA.

Tens ciumes de Pulcheria ?... Prometto-te...

BRIGIDA.

[*Querendo ir*] Meu senhor, dê licença; eu tenho que fazer.

MOTTA.

Espera... Dize, Brigida, onde encontraste tanta virtude ? Deyeras nas cosinhas.....

BRIGIDA.

Meu senhor, ás cosinhas vão parar muitas coisas que se perdem nas salas (*sahé*).

MOTTA (*Rindo-se.*)

Bregeira !... E o diabo da rapariga tem-me

casto pelo beijo ! Nunca pensei que n'uma escrava encontrasse mais resistencia que n'uma mulata de safão !... Tambem esta é minha ! Uma pobre ignorante, por força que ha de ser assim !... O diabo é que quanto mais me resiste o demonio da mulata mais me cresce o desejo de ser vencedor ! E hei de sel-o ; ainda que me seja preciso libertal-a.

SCENA. VI.

O DITO E ISBELLA.

ISBELLA.

Bou noite, meu amigo.

MOTTA.

Oh ! minha bella, como passaste a tarde ? Se soubesses como estás forrrosa ?

ISBELLA.

Era isso que dizia a... a quem mesmo ? Quem é a mulata que o senhor quer libertar.

MOTTA (*Aparte*)

Ouvio ! (*Alto*) É...é...fallava a respeito de Brigida, porque é innegavel que é pena que uma rapariga tão activa e bem prendada seja escrava.

ISBELLA.

E tambem bonita não é assim ?

MOTTA.

Não vê que eu tenho olhos para achar bonita uma escrava !... Que lembrança !...

ISBELLA.

Eu logo vi. Quero mostrar-lhe um bilhete que recebi hoje ; veja se conhece a letra ? (*Dá-lhe um bilhete que tira da algibeira.*)

MOTTA.

(*Insensivelmente exclama, depois de ler.*) E' a letra de Eleonora !...

ISBELLA (*Rindo-se.*)

Ah ! temos uma Eleonora ? Meu marido é um digno cavalleiro da Regencia.

MOTTA (*Aparte.*)

Por isso é que meu sogro appareceu em casa de Fernando ! Mas porque a Italiana escreveria este bilhete ? (*Ouve-se parar um carro.*)

SCENA VII.

OS MESMOS PULCHERIA, DEPOIS DOROTHEA, FERNANDO E ESCRAVOS.

PULCHERIA.

Nhanhá precisa mandar ajudar a conduzir minha senhora.

ISELLA (*Sobresaltada*).

Está doente. (*Chama*) Brígida, Ignacia, aqui alguém!

(*Apparecem escravos, Isbella dirige-se á porta quando entram Dorothea e Fernando.*)

ISELLA.

(*Aparte calhando em uma cadeira.*) Oh! Deus!

MÓTTA.

(*Dirige-se a Fernando.*) Ora graças que sempre veio.

DOROTHEA.

Onde está minha filha?

ISELLA.

(*Faz um esforço, levanta-se e dirige-se a Dorothea.*) Ah! graças a Deus, minha Mãe, graças a Deus que voltou! Esteve doente?

DOROTHEA.

Sim. E devo a vida ao Senhor Fernando.

(*Os escravos entresallão-se sorrindo.*)

DOROTHEA.

(*Que os vê.*) O que faz esta canalhada aqui sujando a sala? Aqui é lugar de negros? Saíam, senão mando-os surrar. (*Os negros sahem.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS E LEOPOLDO, MENOS OS NEGROS.

LEOPOLDO.

Ah ! Já chegaste ? Onde estiveste ?

DOROTHEA.

Era o que ia dizer. (*Solenne.*) Nossa familia de hoje em diante deve tudo ao Sr. Fernando, porque se não fosse elle, minha filha, estarias orphã !

ISABELLA.

(*A Fernando.*) Obrigada, Sr., muito obrigada !

LEOPOLDO E MORTA.

Conte que nunca esqueceremos.

FERNANDO.

V. Ex.^a confundem-me !... (*Grave.*) Meus senhores, apenas fiz o que um cavalheiro deve.

DOROTHEA.

Oh ! que nobreza de caracter. Aqui tem minha mãe, beije-a... Minha gratidão...

FERNANDO.

Se V. Ex. continuar me obrigará a pedir licença para retirar-me.

LEOPOLDO.

Oh ! meu amigo, são dois serviços n'um só

dia ! Nunca pensei !... (á mulher) Como foi ?

DOROTHEA.

Depois de comprar umas flores e encommendar certos objectos á Mm^a Grinaldi lembrei-me de ir visitar minha amiga a...a... Ba...a Condessa de Oitibó, e, quando de lá voltava; o carro virou-se, por ter quebrado uma roda, mesmo em frente...

FERNANDO.

Em frente da casa de uma familia onde eu estava; vendo o perigo em que se achava uma senhora, dirigi-me a ella e pude arrancal-a desmaiada de dentro da caixa do carro. Levei-a a casa das senhoras com quem conversava, onde, em pouco tempo, tornou a si..

LEOPOLDO.

Quanto lhe devemos !

ISABELLA.

Podia morrer sem sabermos !... . Oh ! in cu Deus! que susto !

MOTTA.

Qual dos carros quebrou a roda ? o amarello ou o azul ? Onde ficou ?

ISABELLA

(Reprehendendo-o) Oh ! Senhor !...

DOROTHEA.

O carro era de aluguel.

ISBELLA.

Mamã deve estar muito fatigada; venha descansar um pouco. O Sr. Fernando dá-nos licença?

FERNANDO.

Pois não, minha senhora; mesmo já são horas de retirar-me....

DOROTHEA.

Demore-se mais, demore-se, demore-se até eu voltar.

FERNANDO.

(Depois de ter tomado o chapéu, torna a sentar-se.) Visto que ordena...?

(Saem Dorothea, Isbella e Pulcheria.)

SCENA IX.

MOTTA, LEOPOLDO E FERNANDO.

MOTTA.

O serviço que acaba de prestar-nos, Sr. Fernando, não poderá ficar esquecido de nossa família, que procurará meios de recompensá-lo.
(Ao sogro) Gostou deste arreganho militar? Quando é preciso ser homem....

FERNANDO.

(*Dá uma gargalhada.*) Muito obrigado, Sr. commendador. Na verdade o Sr. tem umas acções tão heroicas como as do capitão Tiberio, filho do Dr. Macedo.

MOTTA.

Pois é para ver. Mas, tornando a vacca fria: — Minha sogra esteve em grande perigo?

FERNANDO.

Já não lhe dissemos?

MOTTA.

Vejam o que é o mundo!... Ainda ha pouco estivemos reunidos por um motivo de prazer, e agora o estamos por um de desgosto.

LEOPOLDO.

Ainda é de prazer, pois que não ha maior que o que nasce no berço da dôr.

MOTTA.

Diga-me, meu amigo, agora que está tranquillo, quem era a mulher que escondeu-se em seu quarto, o que o Sr. occultou-a com tanto cuidado?

FERNANDO.

E' ociosa a pergunta. Si eu pudesse dizer-lhe agora, não o teria obstado de vel-a á tarde.... O que lhe affianço é que V. S. não a conhecc... talvez mesmo nunca a visse.

MOTTA.

Ella sahio logo ou demorou-se?

FERNANDO.

Eu podia deixar de responder-lhe, mas, para satisfazel-o, affirmo-lhe que levei-a á casa pouco tempo depois dos senhores terem sahido.— Deixando-a foi que visitei a familia onde a Exm^a. Sr. D. Dorothea foi recebida, depois do desastre da carruagem.

MOTTA.

Dava um conto de reis a quem me mostrasse aquella mulher, porque me apaixonaria por ella, palayra de honra.

SCENA. X.

OS DITOS E DOROTHEA E ISBELLA.

DOROTHEA.

Oh! felizmente ainda está!

FERNANDO.

Pois duvidava depois de lhe prometter? (*Com intenção*) V. Ex. deve saber que qualquer mandato sou ha de ser obedecido, mesmo sob pena de grande desgosto de minha parte.

ISBELLA.

(*Aparte*) Como este homem vingá-se, meu Deus!

inomia
←

DOROTHEA.

(*Desnancida*) Pois, meu amigo, não é ? (*signal do Fernando*) espero nesse ponto não lhe ficar devendo nada.

ISABELLA.

(*Aparte*) Esta mudança tão rapida ! . . .

LEOPOLDO.

(*Aparte*) Dar-se-ha o caso que minha mulher seja maluca ? ! Em poucos mezes esta mudança tamanha ! . . .

MARTA.

(*Aparte e ao mesmo tempo*) Decididamente D. Dorothea está apaixonada pelo mulato ! Bravo !

FERNANDO.

Obrigado, minha senhora . . . (*Aparte*) Esta mulher por mais que eu queira disfarçar compromette-se; para livrar-me disso retiro-me. (*Alto, tomando o chapéo.*) Agora que V. Ex. voltou, supponho que não serei indiscreto pedindo suas ordens ?

DOROTHEA.

Pois ja ? Ainda é cedo, demore-se mais
Ora que pressa.

FERNANDO.

Não minha senhora. E' tarde, eu tenho affazeres, alem de que, a emoção que V. Ex. soffreu põe-lhe na contingencia de ir repposar. (*A Isbella.*) Não comodi, Exm^a. Senhora ?

ISBELLA.

Por certo. *(Todos levantam-se.)*

DOROTHEA.

Visto que quer peço-lhe o obsequio... faz-me
o que lhe pedir?

FERNANDO.

Si puder....

DOROTHEA.

Sabbado daremos um.^o baile solemnizando a
felicidade que eu hoje adquiri de sôr... salva da
morte; o Sr. tem o primeiro lugar nessa festa.

ISBELLA.

Perdoc-me, minha mãe, não se lembra que
sabbado é 2 de Dezembro.

DOROTHEA.

E' verdade, sabbado temos um convite, será
em outro dia.

FERNANDO.

V. Ex. quer nodoar seu salão com minha pre-
sença? Virei.

LEOPOLDO.

(Aparte.) Esta minha mulher não tem o me-
nor juizo. E' uma verdadeira creança grande.

DOROTHEA.

E amanhã de dia não apparecerá?

FERNANDO.

Não posso. Tenho de ir a Petropolis, projecto um quadro representando uma daquellas pittorescas paysagens. (*Cumprimentos etc.*)

DOROTHEA.

Não quer nosso carro?

MOTTA.

Sim, aceite; carro proprio faz mais vista; isto de carro da praça....

FERNANDO.

Obrigado; creio mesmo que irei á pé.

MOTTA.

A pé, sosinho: é massada.

FERNANDO.

Mas eu não vou só. Tenho muitas recordações por companhia. (*Despedem-se, acompanhando com luzes, sahe.*)

SCENA XI.

MENOS FERNANDO.

MOTTA.

Decididamente, minha Isbella, és tola, apesar de saberes francez, italiano e não sei mais o que. Ainda tens odio a esse rapaz? Que mal fazia elle em querer casar contigo?

ISBELLA.

O Sr. é muito perspicaz! . . . Dê-me licença.

LEOPOLDO.

(*Aparte*) Que estúpido! Que marido tem minha pobre filha! (*Alto*) E' tarde, vou deitar-me. Boa noite.

DOROTHEA.

(*Aparte encarando o genro.*) Que miseravel! não tem, fóra o dinheiro, uma qualidade soffrivel. (*Volta-lhe as costas com deslem e sahe em companhia do marido e filha.*)

SCENA XII.

MOTTA DEPOIS PULCHERIA.

MOTTA.

Como o demonio da velha olhou para mim! Quem sabe se além de viver á custa de meu dinheiro ainda quer me dar ordens! Até agora eu era um bello moço, queria pilhar a filha casada e minha *birra* para gastar; agora como já não paga casa, porque comprei este sobrado em que elles moravam, comprei escravos e dou-lhes luxo, já me olham por cima do hombro! . . . Pois se a tal bisca de minha sogra começar assim ha de dar um baile por um occulo; o dinheiro que gastar aqui, gastarei com Luiza ou outra menina do tom e não com uma lesma

LEOPOLDO.

Quem o chamou?

DOROTHÉA.

Como Vm. vem sempre aqui, mandamos chamal-o para que ficasse sabendo que minha filha é a noiva do Commendador, assim de que... algumas pessoas... que se não conhecem, arrancassem da phantasia o louco desejo de um casamento impossível.

FERNANDO.

(Raiva concentrada) Sr. Leopoldo, por obsequio repita as palavras de sua... consorte, repita. Quero um homem! Se o Sr. Nobrega tem medo, diga-o o Sr. Commendador!

JUAN.

Contem-te, Fernando. Vamos.

FERNANDO.

Conter-me, D. Juan?!... Aconselhas-me a virtude dos covardes?

DOROTHÉA.

Deixe-o fallar D. Juan, o que se pode esperar de um negro?

FERNANDO.

Meu unico defeito é ser negro, não é assim?!..
E' o meu maior elogio; quando a sociedade se
conspira contra mim, só encontra em seu catalo-
go de accusações o crime de minha cor!...

como minha mulher, que só sabe ser bonita...
(*Apparece Pulcheria.*)

PULCHERIA.

(*Fingindo espanto.*) Oh! minha senhora já foi deitar-se?

MOTTA.

Vem cá, ó Pulcheria, dize-me, o que me guardaste?

PULCHERIA.

Ah! agora stá em modafas] mulheres dá presente aos homens? Quo dê meu vestido, que me prometteu?

MOTTA.

Ainda não comprei; estive muito occupado hoje.

PULCHERIA.

Eu bem sei onde foi a occupação. Pensa que eu não sei!... (*Apparece Isbella e fica escutando*) Stá bem aviado!

MOTTA.

Onde foi?

PULCHERIA.

Onde foi? Enganando a gente atoa! Então por que eu sou escrava não lhe queria bem...

MOTTA.

(*Atrahindo-a enlaza-lhe a cintura com o braço*) Ah! queres-me muito!... Mas onde estive?

PULCHERIA.

Si eu encontrar aquella peste daquelle Luiza, eu a esganarei!... Bebada!..

MOTTA.

Quem te contou isso?!.. Quem sabe se teu senhor tambem...

PULCHERIA.

E' verdade, e quando elle chegou?...

MOTTA.

Mas onde estavas, demonio? (*Tira dinheiro e dá-lhe.*) Dize.

PULCHERIA.

(*Conta e diz aparte.*) Vinte mil reis, que pechincha! (*Alto.*) Não posso dizer, só se Vm. me forrá, porque do contrario si se soubé eu stou perdida.

MOTTA.

Pois bem, eu forro-te, mas falla.

PULCHERIA.

Eu e minha senhora estavamos lá em casa do *Sou* Fernando, quando meu senhor entrou o Vm. veio de dentro. Minha senhora ora a mulher que desmaiou no quarto. A historia do carro quebrado é uma mentira. Minha senhora depois que Vmes. sahiram ainda ficou; até que-ria lá passar a noite.

MOTTA.

Pois isto é verdade?!... Amanhã tenho muito que rir-me quando olhar para meu sogro!... Ora que maganão é o Fernando!... Hade ser meu amigo; gosto de um rapaz assim.

ISBELLA.

(*Aparte*) Meu Deus, ainda mais este golpe!.. Como hei de olhar agora para minha mãe e meu marido!...

PULCHERIA.

(*Aparte.*) Parece-me que hei de morrer Senhora Dona Pulcheria!...

FIM DO 2º ACTO.

ACTO III.

O THEATRO REPRESENTA UM JARDIM PEQUENO; Á UM LADO A CASA DE VIVENDA, CUJA SALETA É VISTA DE FÓRA; DO LADO OPPOSTO SOBERBO FORTÃO DE ENTRADA, QUE DÁ PARA UMA RUA DESERTA; AO FUNDO COPADO ARVOREDO.

SCENA I.

MOTTA (só).

Que insipidez ! Esta molestia de Isbella nã o podia vir em peor occasião ! Se ainda estivesse-
mos em Botafogo ou Laranjeiras, nestes delicio-
sos asylos da gente *comme il faut*, vá, mas, pelo
capricho da senhora minha mulher acorçoado
pelo medico, vejo-me enterrado aqui nestes con-
fins da Tijuca ! Maldita hora em que me casei !
Tudo falhou em meus calculos; suppunha levar,
uma mulher capaz de fazer ralar de inveja a te-

dos os meus amigos, no entanto que me calho ás unhas uma lambisgoia, que depois de casada só se occupã com os livros, aborreço os bailes e agora lembra-se do enthisicar. Permitta Deus que quanto mais cedo vá para os anginhos. Fui de novo condecorado no dia 2 de Dezembro pelos serviços que prestei por occasião da epidemia e pelo diabo da doença de minha mulher ainda não tive occasião de sabir com as duas commendas ao peito. Nem dei um baile solemnisando esse notavel acontecimento ! E hoje já são 18!.. Que insipidez ! que insipidez !.. E então aqui ondo ninguém vem, á excepção do medico ! Mas como que ouço tropel de cavallos. (*Vae ao portão*) Ah é o Sr. Leopoldo que chega da cidade. Virá com alguém ? (*Examina.*) Qual, vem só.

SCENA II.

O DITOS E LEOPOLDO.

MOTTA.

Vá um negro alli levar aquelle burro para a cavallariça. O que nos dá de novo, Sr. Leopoldo ? (*Aperta-lhe a mão.*) Como vão aquelles rapazes da cidade, Diga-me chegou a Alboni no paquete de 15.

LEOPOLDO.

Como passou minha filha, tem tossido muito ?

MOTTA.

Isto nem se pergunta. Pois queria que ella

phthisica como está deixasse de tossir ou fizesse alguma outra mudança de hontem até hoje ?

LEOPOLDO.

(*Suspira*) Pobre menina ! . . .

MOTTA.

O tal *non plus ultra* da medicina vem sempre ?

LEOPOLDO.

Não se demorará muito. Mas deixe-me ver minha doente. (*Entra em casa*).

MOTTA.

(*Gritando*) Então que tal achou o burrinho ? (*Outro tom*) Quál, já entrou ! Que pressa de ver a filha. E' um masmarro este meu sogro. Visto que não tenho o que fazer, vou caçar. (*Assobia, entra um moleque.*)

SCENA III.

O MESMO E PULCHERIA.

MOTTA.

Foste tu quem voio, diabrete ?

PULCHERIA.

Foi para me xingá que chamou ?

MOTTA.

Sempre achas o que responder.

PULCHERIA.

Diga o que quê, tenho que fazê.

MOTTA.

Escuta, mais perto.

PULCHERIA.

(*Faz um arremeço.*) Si não quer nada vou para dentro.

MOTTA.

Estás mal comigo?

PULCHERIA.

(*Ironica*) Si eu não tenho de que!

MOTTA.

E não tens mesmo.

PULCHERIA.

Sem palavra!

MOTTA.

(*Ri-se*) Ah! porque te prometti libertar e ainda não passei-te a carta... Si tu não és minha escrava.

PULCHERIA.

Como diz aquillo tão sem vergonha... (*Cospe com despreso*) Nunca vi!...

MOTTA.

Mão. Já passa de abuso. Vê lá, sua negra, que não somos todos um! *(Ouve-se um trotar de cavallo cada vez mais distincto.)*

PULCHERIA.

Admiro-me!... Desde quando o Sr. descobriu isto?

MOTTA.

(Porte.) Retira-te ou eu te desanco!

SCENA. IV.

OS MESMOS DOROTHEA, LEOPOLDO E ISBELLA.

ISBELLA.

(Ajudada por seu pae, negreza extrema.) Foi D. Juan que chegou?

DOROTHEA.

O que é isto, Pulcheria?

PULCHERIA.

Nada, minha senhora; é este homem que depois de elevar-me á cathedra de sua... de rival de sua mulher, quer hoje tornar a ser meu senhor!

ISBELLA.

Que miséria!

LEOPOLDO.

Vamos para dentro, minha pobre filha.

ISBELLA.

Estou tranquilla, meu pae, isto me não pôde mais abalar; mas como quer, vamos. (*Entra sustentada pelo pae.*)

SCENA V.

MENOS ISBELLA E LEOPOLDO.

DOROTHEA.

Na verdade o senhor é o algoz de minha familia! É um homem de bem baixos sentimentos!.... Mas eu sou a culpada; eu, somente eu!

MOTTA.

Em que? Em ter-me adulado até que forçou-me a ser seu genro?

DOROTHEA.

O Sr. é um homem indigno.... (*No maior auge da colera.*)

MOTTA.

(*O mesmo*) E a senhora é uma.... adúltera! c'tão indigna que vac mendigar os sorrisos dos amantes em suas casas. } } α

DOROTHEA.

(*Aparte mirando os lados.*) Meu Deus, quem diria isto a este homem! (*A Motta em voz baixa.*) Pelo amor de Deus, não diga isso!... Si meu marido... si minha filha ouvirem-lhe....

MOTTA.

(*Exultando*) Si a Senhora tem culpas no cartorio devia se mostrar mais docil! Sabe quanto sei a seu respeito? Se me quizer mudo como um tumulo, não me pregue sermões. Auxilie-me nos meus deveres. Façamos uma alliança offensiva e defensiva.

DOROTHEA.

(*Já mais Senhora de si*) Não pense que me assusta forjando ou repetindo calumnias. Minha reputação está firmada. Ha pouco procurei fazel-o cular porque, por mais que minha filha me conheça, não deixaria de magoar-se ouvindo meu genro assoalhar... escandalos! — No estado melindroso em que ella está qualquer cousa basta para determinar uma crise perigosa. Si ella não estivesse doente, não atormental-o-ia mais com minha presença. Logo que sua molestia tenha um termo, deixarei sua casa.

MOTTA.

Ninguem tratao disso. Pôde ficar o tempo que quizer. Nunca fiz questão por despezas; o que lhe peço é que se não intrometta com minha vida. Convenha, a Sr.^a mostra mais zelos por mim do que sua filha. A sogra deve restringir-se ao papel de Anjo Custodio e não ao de intrigante de melodramas. Sirva-lhe de lição. (*Aparte*) Aproveitemos em quanto a tenho segura. (*alto*) Desde que se quizer fazer minha mentora brigaremos, e depois não responderei por minha discripção! Vou até a cascata caçar. Si demorar-

me procure socegar Isbella. Até logo (*Sahida falsa*) Ah é verdade, se vier o tal hespanhol, arrange qualquer desculpa (*Sahe*).

DOROTHEA.

E ser forçada a ouvir tantas insolencias! (*Pausa*) Isto que sinto será o remorso? (*Ouve-se tropel de cavallos, depois vê-se chegar Juan, Fernando e um pajem.*) Quem chega? Ah! é D. Juan, e Fernando. Como me sinto vexada, parece-me que todos lerão em meu semblante minha falta.

SCENA. VI.

DOROTHEA, JUAN, FERNANDO.

Juan e Fernando apeão-se, o pajem conduz os cavallos para o mesmo lugar onde conduzio o burro em que veio Leopoldo.

DOROTHEA.

Já lhe esperavamos, D. Juan.

JUAN

Demoraria muito? (*Saudam-se.*)

FERNANDO.

A Senhora D. Isbella?

JUAN

Vae melhor minha pobre amiguinha?

DOROTHEA.

Ao contrario. Não a conhecerá. Ella está ansiosa pelo Sr. Demais a mais o marido

FERNANDO.

Pois nem por vel-a doente?

DOROTHEA.

Lastima-se por estar aqui preso. Passa o tempo caçando ou fazendo peores cousas! Os Srs não imaginam que genro meu marido escolheo. Olhe *(Indica o fundo)*. Eil-o, não vêm atravez da folhiagem? Vae caçar.

JUAN.

E canta, ouçamos.

MOTTA.

(Canta no fundo, pouco a pouco sua voz vae se tornando menos distincta).

Quando a mulher me enfastia,
Quando me enoja o amor;
Busco a arma e o polvarinho,
Me transformo em caçador.

Tendo nos bosques
Boa espingarda
Dispensio tudo
Não lembro nada.

Apenas penso
Em não errar.
O passarinho,
Em que alisar.

Não poupo um pass'ro
Quer grande ou não;
Do heija-flor
Ao gavião:

Minha espingarda
Perdão não dá
Mesmo ao encontro.
Ou sabia.

Quando ouço o tiro
Desta espingarda
Esqueço tudo
Não penso em nada.

De todo esqueço
Que sou casado.
Minha espingarda
Tendo a meu lado.

DOBOTHEA.

Ouviram ?

FERNANDO:

(Insensivelmente) Miseravel !

DOROTHEA.

(*Aparte*) Dar-se-ha que Fernando ame ainda minha filha?

JUAN

Permite que entre, que falle com a doente?

DOROTHEA

Pois não; desculpem não tel-os convidado a isso á mais tempo. A roça descivilisa,

JUAN

Fernando, espera aqui fóra . . . sua aparição sem a Senhora estar prevenida

DOROTHEA.

Qual: não lhe causará nada; o Sr. creê que ella conserva alguma lembrança? (*Com intenção.*) A mulher só pôde amar depois dos trinta; é a epocha perigosa; são amores desesperados, capazes de tudo!

JUAN

Apezar, se dá licença? . . .

DOROTHEA

Pois não, ficarei fazendo companhia a seu amigo (*Chega a porta*). Leopoldo, eis o Doutor (*Juan entra*).

SCENA VII.

MRSOS JUAN

DOROTHEA

(Sentam-se.) Pensei não mais vel-o. Outr'ora admirava-me quando lia na historia ou no romance amores gigantescos amo os de Bernardim Ribeiro, de Tasso, de Petrarca. Eu imaginava que a creatura humana não pudesse amar mais do que aos filhos.

FERNANDO:

E' porque V. Ex. cria o coração humano monotonico como a brisa nas folhagens dos laranjeas — elle é mais variado que a gamma opulenta do melodioso autor da *Straniera*. Mas porque não suppunha, mais ver-me? Consta-lhe que eu tivesse morrido.

DOROTHEA.

E' pouco cavalheiro abusar de uma senhora. O amor é um sentimento serio e sagrado. O homem que calca o amor de uma mulher é tão sacrilego como o que dentro de um templo calca os despojos reverenciados dos justos.

FERNANDO:

Perdoe-me, D. Dorothea; mas mudemos de assumpto; esqueçamos alguns instantes de mão passatempo. Pode a Senhora sua filha!...

DOROTHEA.

Fernando, o Sr. é muito ingrato; si me não

amava, porque despertou meu coração ha tanto tempo adormecido.

FERNANDO.

Minha senhora, pode vir gente !...

DOROTHEA.

Deixe vir, eu direi: Este homem, para vingar-se de mim por ter-lhe negado minha filha, fingio amar-me, tratou de seduzir-me, de despertar do tumulto de meu peito este Lazaro que aqui existia ! E eu amei-o, fui infiel á meu marido, e elle depois abandonou-me cruelmente.

FERNANDO

Imagine que é assim; despreze-me, mas não se comprometta.

DOROTHEA

Ainda confessa ? E se não ama-me que lhe importa que eu me comprometta ?

FERNANDO

(*Fôra de si*). Não vê que si sua filha soubesse, morreria mais depressa ?!

DOROTHEA

(*Em transporte doloroso*.) Ainda ama minha filha . Só ella é feliz !!...

FERNANDO.

Perdoe-me (*curvando-se um pouco*), eu fui um.

infame, queria vingar-me do quanto a Senhora me fez soffrer. Nunca deixei de amar Isbella! Eu suppunha que quem se vingava sentia satisfação; não sabia que o dulçor da vingança se termina em amargos do absinthio! Perdoe-me, ao menos, juro, que por mim a Senhora não será diffamada. Esqueça essa loucura nascida de minha baixoza. Eu quiz combater um prejuizo com um crime. — A Senhora menoscabou-me por uma culpa de que eu não era autor, tentei castigal-a. Ainda outra vez, perdoe-me.

DOROTHEA.

Queria vingar-se? Pois não sabe Fernando que nós desdenhamos os mulatos em publico para podel-os amar tranquilla e secretamente?

FERNANDO.

Ignorava—hoje, ainda que não estabeleca a regra, reconheço sua fal ou qual veracidade.

DOROTHEA.

Eu ja devia conhecer que os mulatos são vingativos. O Sr. não é o primeiro. Ha desoito para desenove annos, estava casada ha pouco, quando uma vez, estando doente, meu marido mandou vir um medico para tratar-me. Era um mulato. Mais do que hoje eu sentia pelos mulatos uma mistura de desprezo e sympathya—um sentimento indefinivel. Levada pelo primeiro tratei mal ao medico, que em vez de se mostrar sentido, flegio não ter dado attenção e começou a fazer-me a corte. Era bonito, seu nome andava

cercado de tal aureola que o fazia o mais procurado. A principio oppuz á sua insistencia a grosseria, mas elle foi tão habil que venceu-me. —Cheguei a amal-o, tanto como hoje a ti, meu Fernando. Depois de muitas lutas eu succumbi; fui desleal a meu marido, com quem tinha casado por meus paes terem visto em tal união interesse. O resultado de meu amor com o Dr. Eudoro da Silva foi o nascimento de Isbella.

FERNANDO.

(*Exclamando.*) Eudoro da Silva!

DOROTHEA.

Quando nasceu Isbella elle confessou que a principio fingira amar-me por vingança, mas depois foi mais generoso que o Sr.—amou me até morrer.

FERNANDO.

Eudoro da Silva era o pae de Isbella?

DOROTHEA.

Sim, o Sr. conheceu-o?

FERNANDO.

Era meu pae! Isbella é minha irmã!

DOROTHEA.

Eis o resultado do prejuizo!

FIM DO 3º ACTO.

ACTO IV.

SALA MODESTA, AO FUNDO JARDIM.

SCENA I.

JUAN, FERNANDO, DEPOIS MOTTA.

JUAN.

O que tens desde hontem, ficaste tão triste. A demora aqui te magoa? Será o estado de Isbella?

FERNANDO.

Alem disso ha mais alguma cousa, depois te direi. Com veras, qual é o estado de Isbella?

DOROTHEA.

Assustador. Não poderá durar mais de dois mezes. O moral influio naquella delicada organização. Tens grande parte em seu estado.

Teus devaneios tocarão-lhe. Procura obter o perdão daquelle anjo.

FERNANDO.

Pobre menina! (*Cabe em meditação.*)

Entra Motta.

MOTTA.

Então, meus senhores, como passarão a noite? Foi a primeira vez depois que estou neste inferno que passei um dia agradável. Graças a chuva! Acabado o almoço iremos a uma caçada. Descobri hontem um ponto em que poderemos matar uma boa porção de passaros, si não fosse a chuva eu viria carregado, mesmo assim matei dous tucanos, um araquary, uma araponga, tres tiês e cinco bemtevis.

JUAN.

Pois o Sr. mata bemtevis?

MOTTA.

Quando estou caçando mato até o beija-flor: tudo quanto voa diante de mim leva tiro.

JUAN.

E sempre acerta.

MOTTA.

Algumas vezes . . . quasi sempre; hontem, por exemplo, errei um sabiá! Estava cantando, disparei e ella fugio.

FERNANDO.

Matar uma pobre sabiá que cantava! . . . E' barbaro!

MOTTA.

Barbaro é ir-se caçar e voltar-se com penas no coração. O Sr. não caça ?

FERNANDO.

Não, senhor.

JUAN.

Elle é da opinião do Magalhães, diz que Quem caça não ama.

MOTTA.

Pois não sabe o que é bom. O Dr. caça ?

JEAN.

Dou alguns tiros.

MOTTA.

Iremos ?

JEAN.

Pois não, mas não para longe. Quero voltar para cidade hoje.

MOTTA.

Vou dar ordem para terem tudo prompto para nossa partida, já volto. (Sahs)

SCENA II.

MENOS MOTTA.

FERNANDO.

Vaes caçar com este demonio ?

JUAN.

Vou, para teres tempo de te desculpares com Isbella. Estimo aquella menina como se fora uma filha, e vejo que ella póde ser menos infeliz sabendo que és susceptivel de morigeração. Hontem só perguntava—Dr., elle cumprirá o que me prometter? o que prometter a uma moribunda?

FERNANDO.

(*Limpa os olhos*) Pobre Isbella!... Quanto mais se soubesse!...

JUAN.

Deixa-te de pezares sem remedio. Procura ser homem,

FERNANDO.

Só diante de ti eu serei fraco.

JUAN.

Lá vem o velho Leopoldo. Como este homem tem soffrido. Eis um pae que é tão terno como uma terna mãe.

SCENA III.

OS DITOS E LEOPOLDO.

LEOPOLDO.

Bom dia, meus Senhores como passarão a noite?

JUAN E FERNANDO.

Bem é o Senhor ?

LEOPOLDO.

Como poderá passar um pae que vê sua filha ás portas da morte ? Os Senhores não fazem idéa do quanto estimo aquella menina ! Fil-a infeliz, por fraqueza . . .

FERNANDO.

Não se lembre disso. (*Supplicando.*)

LEOPOLDO.

Não me posso esquecer. O Sr. não me odeie, eu lhe peço:

FERNANDO.

(*Aperta-lhe a mão.*) Juro que . . . lastimo-o e preso-lhe.

LEOPOLDO.

Obrigado: sou digno. Por mim o Sr. seria marido de minha filha; nunca tive prejuizos, reconheço que em um paiz, como o nosso, é rara a familia que se póde crer da pura raça caucasica. Mas, a infeliz educação de minha mulher . . . como a de quasi todas . . .

FERNANDO.

Não continue. A providencia que não quiz que fossemos casados alguma alta razão teve. Nun-

ca nos devemos oppor a execução dos altos decretos do Céu. Curvemo-nos, Sr. Leopoldo, não blasfeme. Deus é grande!

JUAN.

Sua Senhora como passou a noite?

LEOPOLDO.

Muito mal. Esta molestia da filha tem-lhe roubado muitos dias de vida. Esta noite não pôde conciliar o somno; ouvi-a chorar muito. Tive pena. Logo que socegava ia para junto da doente. Creio que se não levantará tão cedo, agora de manhã trancou-se por dentro e deitou-se, provavelmente dorme.

FERNANDO

(*Aparte.*) Quão pesado é o remorso! (*Alto.*) Vou até o jardim (*Sahe*).

MOTTA.

(*Dentro.*) Não se ausente muito, o almoço já vão ser servido.

SCENA IV.

MENOS FERNANDO.

LEOPOLDO.

Como este moço estima minha filha! Que casal feliz. Foram nascidos um para o outro.

JUAN.

E quem não estimará D. Isbella ? E' um anjo, aquella menina !

LEOPOLDO.

Que coragem no soffrimento ! que estoicismo, D. Juan.

JUAN.

A mulher é a mais sublime criação da natureza ; eduquem-na e tel-a-hão Cornelia, Lucrecia, Antígona. Si ella se torna má é porque foi entregue a si mesma desde menina. Não é só no Brazil que uma falsa educação torna a mulher vaidosa, nescia e namoradeira; em toda parte ha disso. Felizmente os Brasileiros já vão comprehendendo que da educação da mulher nasce a felicidade social, por isso já muitos afastão da intimidade de suas filhas a escrava, que deixada desde infante com as moralissimas lições das tabernas e praças publicas são velhas no vicio quando nem todas as galas da juventude tem desabrochado; muitos já dão ás mucamas de sua filhas uma educação a que toda mulher tem direito; muitos ha que não consentem que suas filhas jamais lancem mão do infame azorrague, que mais avilta o verdugo que a victima!...

(Tocão campainha.)

LEOPOLDO.

E' minha filha. (Corre a porta do quarto.) Estás visível, filhinha ?

ISELLA.

(Dentro.) Entre, papae. (Entra Leopoldo e depois uma escrava atravessa a sala.)

LEOPOLDO.

(*Sahindo.*) Dr. sua doente pergunta se pôde sahir.

JUAN.

Depois de descidas as vidraças. (*Desce ajudado de Leopoldo.*) Pôde. (*Leopoldo entra e sahe com ella pelo braço.*)

SCENA V.

OS MESMOS E ISBELLA.

JUAN.

(*Corre a ella leva-a uma chaise longue.*) Como passou esta noite?

ISBELLA.

Melhor. Sua presença nesta casa augmentou minhas melhoras. Porque não veio á mais tempo, D. Juan!

JUAN.

Não vê que o medico não deve ser intruso? V. Ex. estava tratando-se com um medico da moda, cuja especialidade é sua molestia, havia de eu vir?

ISBELLA.

Pois não merecia ao menos uma visita do amigo de outr'ora (*tosse*).

JUAN .

Não falle tanto que se cansará e depois sobrevir-lhe-ha a tosse. Já fomentou-se?

ISBELLA.

(Rindo-se.) Já, Dr. tenho um nojo da tal fomentação ! Quer por força que eu seja lardeada. Eu creio que se chegasse a ficar boa nunca mais comeria toucinho.

JUAN

Comerá. Esquecer-se-ha depressa.

ISBELLA.

Qual. *(Tosse.)* Poderei comer no Céu. O toucinho de lá ha de ser differente, sem duvida. *(Tosse e continuará sempre durante os dialogos em que tomar parte.)*

JUAN

Seu vidro de perfumes ?

ISBELLA.

Ficou no quarto. Papae faça-me o favor de ir buscar ? Está sobre a mesinha junto de minha cama. *(Leopoldo entra, depois sahe.)* Prevenio a seu amigo que lhe quero fallar, meu bom Dr. ?

JUAN.

Precisava perguntar ?

LEOPOLDO.

Aqui tens. *(Dá um frasquinho de perfumes.)*
Como sua doente é luxuosa, eim, Dr. ?

JUAN.

E faz bem. Isto é um perfume, e os perfumes só em frasquinhos próprios. Só perdem o gosto os defuntos.

ISABELLA.

Este Dr. |... Como me procura consolar, pobre amigo!

JUAN.

Com franqueza, suppõe estar moribunda?

ISABELLA.

Dr., eu tenho coragem, não me engane. Ainda ninguem se levantou no estado em que estou.

LEOPOLDO.

Minha filha. (*Commovido.*)

ISABELLA.

Seja homem, papae. Mas deixemos de conversas tristes. Diga-me, D. Juan, que perfume é este? é frangipani, meu predilecto? De que é feito?

JUAN.

Tintura etherea de toli.

ISABELLA.

Tolu e ether, não é assim? Ainda me lembro de suas lições de pharmacia.

JUAN.

Bem, não falle muito. Quer que lhe leia alguma cousa?

ISBELLA.

Pois sim.

SCENA VI.

MOTTA E OS MESMOS.

MOTTA.

São horas do almoço. Oh! bom dia minha bella. Não sabes, vou caçar com o Dr. Hontem matei uma araponga. . .

ISBELLA.

(*Rindo-se.*) Não sei quantos tiês e tucanos; en'ouvi tudo, nem só hontem como hoje.

MOTTA.

Ainda bem. (*Reparando o vidro.*) Bravo, depois que adoceste ficaste mais garrida, de patchoulys, etc.

ISBELLA.

Não; é tolú; bebo tolú, cheiro-tolú. . .

MOTTA.

Tem bom cheiro?

ISBELLA.

Experimente. (*Chega-lhe perto, elle dá um salto para traz.*)

MOTTA.

Não precisa, deixemos dos lotús.

ISBELLA.

Lotus e não lotús é uma especie de nenuphar, reverenciado pelos Egypcios; creio que não é officinal. O que diz, Dr. ?

JUAN.

O *Nymphaea lotus*, *Nymphaea cœrulea*, e, creio, que uma outra especie. Não conheço suas virtudes medicamentosas. Ha ainda outra especie de lotus, especie de jubeira que dá fructas tão saborosas que produzem o mesmo que sua agua da Carioca.

ISBELLA.

Me recordo agora, é principal alimentação dos povos que per isso se chamão lotophagos.

JUAN.

E' exacto.

ISBELLA.

Eu estou usando *tolú*, um balsamo.

JUAN.

Extrahido de uma arvore da familia das leguminosás...

MOTTA.

Vamos almoçar, deixemo-nos de botânica. Que é do Fernando?

JUAN.

Porque não toma algum alimento?

ISBELLA.

Vou comer ostras. Posso agora de manhã?

JUAN.

Pôde.

MUITA.

Vamos almoçar. E o Fernando?

JUAN.

Está lá fóra. (*Sahem.*)

SCENA II.

LEOPOLDO E ISBELLA.

LEOPOLDO.

(*Grita.*) Tragão o almoço da Senhora. Ostras, pão, leite de jumenta e pão de lot.

ISBELLA.

Que almoço! Porque não come comigo, papae?

LEOPOLDO.

Depois almoçarei.

ISBELLA.

Veja bem, não me logre. Mamã ainda não acordou, depois que foi deitar-se?

LEOPOLDO.

Queres que a chame?

ISBELLA.

Deus me livre de perturbar seu somno, coitada!

(Uma escrava tras uma bandeja e fica servindo, Leopoldo tambem a serve.)

LEOPOLDO.

Como te distraes conversando sobre sciencias!

ISBELLA..

Não foi Vin. mais mamãe quem me aconselharão que tomasse gosto pelos livros? De que se admira?

LEOPOLDO.

Come mais um pouco!

ISBELLA,

Não, venha agora o leite.

LEOPOLDO.

E D. Juan é instruido?

ISBELLA.

Muito. Que tempo feliz o de minha primeira juventude!

LEOPOLDO,

Si tivesses um marido como elle ?

ISBELLA.

Nem todos são para tudo. Era mais pobre.

LEOPOLDO.

Uma fatia mais de pão de lot ?

ISBELLA.

Pois bem, mas só essa.

Voz (*Dentro*).

A saude do primeiro caçador que hoje matar.
Hip hip hurrah !

LEOPOLDO.

E' o tal meu genro.

ISBELLA.

Deixal-o. Leva isto. (*A escrava conduz a bandeja.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS MOTTA, FERNANDO, JUAN.

FERNANDO.

(*Saudando Isbella.*) Passou melhor a noite?

ISABELLA.

Alguma cousa, e o Sr. ... dormio muito ?

MOTTA.

Vamos á caçada. Não vens Fernando? No campo não ha etiquetas.

JUAN.

Elle é um maricas, deixemol-o.

MOTTA.

Sr. Leopoldo, venha.

JEAN.

Uma pequena digressão.

LEOPOLDO.

Obrigado. Eu fico. Minha mulher está encomodada.

MOTTA.

Homem, é verdade. Minha sogra está doente ? Bem, até logo quem fica, fica. Vamos tomar nossos trages próprios. (Entrão.)

ISABELLA.

Papae, me leve um instante ao quarto de minha mãe. (Sabe.)

SCENA IX.

FERNANDO, so.

Parece um sonho ! Eu irmão de Isbella ? E si me tivesse casado ? Eis o prejuizo servindo pró e contra ! Sinto que a mudança rapida da situação não modificou meus sentimentos ! Amo-a ainda como outr'ora, não como irmã ; mas meu amor não é criminoso ! Nunca um pensamento peccaminoso veio nodoar a nuvem de adoração que eu tributei a essa menina, que somente hoje sei ser minha irmã. E nem ella o sabe ! E devo dizer-lhe ? Devo quebrar com uma revelação imprudente o throno em que seu amor filial collocou Dorothea ? Não, que fique ignorando ! ... Fobre e infeliz criança ! Dizem que todo os desgostos são filhos de nossas accões. Que males tem feito Isbella para ter soffrido tanto ? E' que os filhos pagão os erros dos paes, e ella paga o de nosso paê e de sua mãe !

SCENA X.

O MESMO, OS LAÇADORES, E DEPOIS, ISBELLA E SEU PAE.

MOTTA.

O que queres que te traga, Fernando ?

FERNANDO.

A felicidade para eu conhecer o que ella é.

JUAN.

(Baixo.) Cautella, não lhe deixes fallar muito.

(Alto.) Quando a Senhora D. Isbella vier para esta sala ponhão perto della o chlorureto de cal.

Morra.

Até logo.

ISBELLA.

(Entrando) Até logo D. Juan.

JUAN.

Até logc. Não converse muito. Fernando, lê alguma cousa para a Senhora ouvir. (Sabe.)

FERNANDO.

Sim.

LEOPOLDO.

Eu já volto.

FERNANDO.

Mande o tal chlorureto.

ISBELLA.

Está no canto de meu quarto.

(Sabe Leopoldo, pouco depois trazem a vasilha da cal.)

SCENA XI.

FERNANDO E ISBELLA.

FERNANDO.

Que livro quer que lhe leia, minha Senhora ?

ISBELLA.

O seu predilecto !

FERNANDO.

Qual ?

ISBELLA.

Um livro, poesias de Castello Branco. Esqueceu-se ?

FERNANDO.

Ah ! perdão, eu não lhe conhecia. (*Curva a fronte contristado.*)

ISBELLA.

(*Toca campainha, chega uma escrava.*) Traz da mesa de meu quarto os livros que lá estão.

(*Sahe a escrava volta trazendo quatro licrinhos.*)

Quando minha mãe abrir o quarto vem me dizer ; quero fallar-lhe. (*Sahe a escrava.*) Quer ver os livros que tenho ao alcance da mão ? La douleur, por Michelet ; Deus é todo puro amor ;

Um livro, de Castello Branco, e meu album. Este meu confidente do passado, aquelle meu despertador, quando me julgo muito longe, no tempo das aves azues de minha mocidade elle diz:

Não creias é máo o homem !...

Os outros dois são meus consoladores. Um me mostra que Deus é bom, que é pae, que não me abandonou; o outro que a dor é o cadinho em que se depurará minh'alma das impurezas terrestres. Leo o poema do maldito?

FERNANDO.

Oh! não, Isbella. Foi um sonho máo que eu tive; agora que estou acordado não me force mais a tel-o.

ISELLA.

(*Commovida.*) Bem. Mas eu não tenho odio á seu sonho, tenho horror, sim, ao opio que fazendo-o dormir deu occasião de fazel-o sonhar. Não leia nada. Temos muito que conversar, não sei si poderei terminar o que tenho a dizer. Nosso amigo não lhe disse?

FERNANDO.

Disse.

ISELLA.

Que idéa fez de mim, da mulher casada que pediu uma entrevista ao homem a quem amou, e não é seu marido !...

FERNANDO.

Que idéa poderá fazer de um anjo o mortal

que o visse estoacando ao redor das esfumeadas paredes de um bordel?

ISABELLA.

Esperava isto. *(Da-lhe a mão que Fernando beijava respeitosa mente.)* Anei-o, e, ainda amo-o, como outr'ora. A mudança de minha posição e da sua não poderão exterminar esse universo de affectos que sua belleza...

FERNANDO.

(Procura interromper.)

ISABELLA.

Não me interrompa. Si eu não estivesse nas bordas de um tumulo, calar-me-ia; não teria esta entrevista—mas sou um cadaver. Amanhã não existirei.

FERNANDO.

Não diga isso! Juan tem esperança...

ISABELLA.

Você procura mentir-me, embora com esse fim humanitario. Ele diz que não morrerei breve?

FERNANDO.

Diz que pode ter um mez de existencia...

ISABELLA.

Ou um dia. Hoje tenho de gastar trinta dias.

FERNANDO.

Então não falle.

ISBELLA.

Não quer fazer a ultima vontade á moribunda ?

FERNANDO.

O que quizer.

ISBELLA.

Amei-lhe e amo-lhe . . . muito. Não me escapou um só de seus, passos, ouve? *um só: todos sei.*

FERNANDO.

Todos ?

ISBELLA,

Tolos. Desceu muito, Fernando; correu como um possesso, fugindo da honra.

FERNANDO.

Oh !

ISBELLA.

Porque desceu ? porque foi revolver no lodo da infamia a alma de vestal que eu amei tanto? Diga me, era só por meu amor que tantos damnos causou a si ? Sempre amou-me, Fernando ? Quero a verdade.

FERNANDO.

Hoje reconheço que sim. Houve um tempo em que eu pensei odial-a; era quando eu soffria a dor de vel-a nos braços de outro e a julgava feliz ! Isbella, a Sr.^a não sabe quando é infernal o crime; o supplicio de Prometteu . . . é fraca co-

pia desse sentir despedaçador. Odiando-a odiava o mundo ! Ten'ei vingar-me pelo que mesquinha fracção delle me tinha feito: eis a causa de meus desvarios.

ISABELLA.

E eu que mais soffri, porque nem me restava a liberdade, conservei-me sobranceira a tudo; eu que mais soffri, porque via o homem por quem soffria entregue a... distracções torpes, pude conservar-me pura!. . Cada passo que dava nesse declivio era uma punhalada que me partia as entranhas ! Procurei deixar de amal-o, si eu tivesse um marido...

FERNANDO.

Mas porque me tratava tão desdenhosamente quando nos viamos ?

ISABELLA.

Amar-me-ia si eu fosse uma casquilha, Senhor ?

FERNANDO.

Oh ! perdoe minha pergunta; não sei o que digo.

ISABELLA.

Meu nome é Motta; meu corpo pertencia a meu marido, só conservei-lhe minh'alma ! Casa-da podia amal-o, como amei-o, sempre digna de mim; mas só podia dizel-o hoje. As Aspastias so-

mente amão materialmente, eu amava-o casta e santamente.

FERNANDO.

E' um anjo, Isbella.

ISBELLA.

Porque não buscou na arte, de que é tão digno adepto, lenitivo a seus males — poderíamos ser dignos um do outro!... Porque deixou-se cahir?!.. Si em vez de mim, fosse meu marido o enfermo, o semi-cadaver, amanhã, depois de sua morte, continuaríamos afastados — eu jamais poderia ser sua mulher! Foi muito fraco, meu amigo!... Falle, quero descansar. (*Tosse muito.*) Dê-me o xarope. (*Toma uma colherada.*)

FERNANDO.

(*Depois de vel-a calma.*) Eu fallo. Tem razão em accusar-me, muita. Mas veja, eu fui impellido...

ISBELLA.

Por quem?

FERNANDO.

Pela sociedade brasileira!... Logo que aquella desgraça me succedeu, depois de serenado um pouco, busquei o claustro; esse asylo em que o infeliz expulso do mundo pelo infortunio, deve encontrar aberto; e o claustro, a casa da religião fechou-me as portas, porque eu sou mulato!...

Sorrirão, escarneceram-me!... No Brasil, na pátria dos mulatos, não ha um Deus para elles!... Sahi brigado com a parte da sociedade que eu suppunha perfeitamente sã. Pensei em fazer-me soldado, mas occorreu-me que apesar da Constituição ter abolido quaesquer privilegios, sem eu ser moço fidalgo, filho de militar ou ter quatro avós nobres seria sujeito ao *knout*, que por eufemismo chamamos *chibata*, no entanto que nossa sabia Constituição tambem abollou os açoites e outras penas cruéis!... Poderia, homem livre e acostumado a gozar de minha liberdade, escravizar-me, aviltar-me, sujeitar-me á misera condição de captivo? Poderia Brasileiro tornar-me voluntariamente Turco ou servo russo? — Não quiz ser soldado, vi mais essa carreira fechada á minhas aspirações. — E odiei cada vez mais esta sociedade tão cheia de preconceitos e abusos, esta sociedade tão velha no vicio — christã de direito e musulmana de facto! Si eu tivera nascido na Europa, não seria um infame!

ISABELLA.

Eis minha mão: creia que lastimo-o! Agora vejo que uma fatalidade o perseguiu, um prejuizo absurdo e estúpido o desgraçou! Já lhe confessei que apesar de muitos desgostos que me fez soffrer amo-lhe — faz-me o que eu pedir-lhe?

FERNANDO.

Juro.

ISABELLA,

Fernando, só para mulher está fechada a estrada do arrependimento, ante o mundo; o homem

embora fosse ladrão ou assassino, si tornar-se honrado e arrependido a sociedade accita-o. O Sr. tem baizezas que aos olhos do mundo são glorias, muitos de seus amigos as tem iguaes. — E' -lhe facil arrepender-se. Jura a uma agonisante corrigir-se? jura esquecer-se do... é difficil, Fernando! Meu irmão, perdoo; é o socego de meu pae que eu peço! Esqueça-se para sempre de minha... eu tudo sei! *(Occulta o rosto.)* ←

DOROTHEA

(Que escutava de um'grito e desmaia.)

ISBELLA.

Minha mãe!... Que vergonha!... Eu me-
ro. *(Desmaia.)*

FERNANDO.

Socorro, socorro!...

SCENA XII.

OS MESMOS LEOPOLDO E ESCRAVOS.

(Fernando trata de chamar Isbella a si, os escravos levantão Dorothea que torna a si.) || ←

DOROTHEA.

(Aparte.) Que vergonha! |

FERNANDO.

(Para os escravos.) Corrao a encontrar-se com o Dr. e chamem-n'o. *(Saem escravos.)*

LEOPOLDO.

O que foi ?

FERNANDO.

D. Isbella conversava quando ouviu um grito de D. Dorothea...

DOROTHEA.

Dei um geito no pé.

FERNANDO.

E desmaiou. Tragão um pouco de agua de colonia.

SCENA XIII.

OS MESMOS, JUAN, DEPOIS MOTTA E BRIGIDA.

JUAN.

(*Correndo.*) O que é? Desmaiada! (*Tira um vidro da aljibeira chega-lhe ao nariz.*) Vae tornando a si. O que tem, D. Isbella.

TODOS.

Está melhor ?

ISBELLA.

Que prazer! morrer cercada de todos os que me estimão! Falta-me Brigida, minha pobre mucama. (*Entra Motta com passaros mortos.*)

MOTTA.

Ora já vejo que me foram atrapalhar á toa. Podia matar mais uma capôera.

ISBELLA.

Sente não me ter achado morta?

JUAN.

Não falle.

ISBELLA.

Oh! Dr., está por instantes, deixe-me fallar; tenha paciencia. Não desmaiei por fallar. Estou cansada, mas...

LEOPOLDO.

(Chamando, em pranto.) Brigida!

BRIGIDA.

(Entra chorando.) Minha boa senhora! *(Atrai-se de joelhos aos pés do sofá.)*

JUAN.

Quem não tem força de vontade retire-se.

ISBELLA.

Dr., deixe minha amiga; ella me estima.

FERNANDO

Não falle, minha senhora!

ISBELLA.

Oh! Fernando! Deus lhe dê uma morte tão acompanhada como esta.

FERNANDO.

Terei, Isbella; vou fazer-me frade no mostei-

ro que existe no Monte S. Bernardo. Vou dedicar-me á humanidade. Lá eu posso sel-o.

ISBELLA.

Oh! Agora posso morrer! Muito bem Fernando, meu irmão, seja meu irmão!

FERNANDO.

Sim, seremos irmãos. *(Cabe de joelhos chorando.)*

ISBELLA.

Meu marido eu lhe perdoo tudo quanto me fez soffrer!...

MOTTA.

(Aparte.) Mão, como que quero chorar!

ISBELLA.

Faz-me um pedido?

MOTTA.

Tudo.

ISBELLA.

Liberte Brigida, dê-lhe um dote sufficiente para achar um bom marido!

BRIGIDA,

Minha senhora!... *(Soluça.)*

ISBELLA.

Liberte Pulcheria, cumpra sua palavra; eu ouvi... Respeite sempre minha mãe, não procure mais desgostar meu pae!

JUAN.

(*Da-lhe uma colherada de xarope*) Basta?

ISBELLA.

Só duas cousas. Minha mãe... abrace-me, meu pae deite-me sua bênção, agora um padre. Estou bem com os homens, quero ficar-o tambem com Deus. Tenho um chamado, pouco pode demorar.

JUAN

Vamos para seu quarto? (*Conduzem-na.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS, UM PADRE ANCIÃO, MENOS ISBELLA.

LEOPOLDO,

Entre, Rym°. (*Levão-no ao quarto.*)

FERNANDO.

Juan. está a morrer?

JUAN.

Poderá durar até a noite somente.

FERNANDO.

Não me disseste que poderia durar até 15 dias?

JUAN.

Sim, não contava com esta crise. [E' verdade o que houve?

FERNANDO.

(*Falla em voz baixa.*)

JUAN.

Logo vi.

(*Sahe do quarto o padre.*)

FERNANDO.

Já confessou-a ?

PADRE.

Apenas vou ungil-a, perdeu a falla.

DOROTHEA.

(*Desvaia-a.*) Descança, filha, juro que procurarei arrepender-me de meus erros, devotando-me á caridade. Meu orgulho perdeu-me e perdeu-te; irei servir de enfermeira das escravas, na Santa Casa da Misericordia.

